







1

P

14

a

CRUZ E SOUZA

---

*missal*

# MISSAL

---

BRAZIL — SUL



RIO DE JANEIRO  
Magalhães & C.<sup>a</sup> — Editores  
3 e 5 Rua da Quitanda. 3 e 5

LIVRARIA MODERNA

1893





## Oração ao Sol

Sol, rei astral, deus dos sidéreos Azues, que fazes cantar de luz os prados verdes, cantar as aguas! Sol immortal, pagão, que symbolisas a Vida, a Fecundidade! Luminoso sangue original que alimentas o pulmão da Terra, o seio virgem da Natureza! Lá do alto zimbório cathedralesco de onde refulges e triumphas, ouve esta Oração que te consagro neste branco Missal da excélsa Religião da Arte, esmaltado no marfim eburneo das illuminuras do Pensamento.

Permitte que um instante repouse na calma das Idéas, concentre culturalmente o Espirito, como no recolhido silencio de egrejas gothicas, e deixe lá fóra, no rumôr do mundo, o tropél infernal dos homens ferózmente rugindo e bramando sob a cerrada metralha accêsa das formidandas paixões sangrentas.

Concéde, Sol, que os manipanços não possam, grotescamente, chatos e rômbo, com *grimaces* e gestos ignobeis, imperar sobre mim; e que nem mesmo os Papas, que têm á cabeça as veneraveis orelhas e os chavelhos da Infallibilidade, para aqui não venham, com solemne aspecto abençoador, babar sobre estas paginas os classicos latins pulverulentos, as theorias abstrusas, as regras fósseis, os principios batrachios, as leis de Critica-megatherio.

E faz igualmente, Sultão dos espaços, com que os argumentos duros, broncos, tórtos, não sejam arremessados á larga

contra o meu cérebro como incisivas pedradas fortes.

Livra-me tu, Luz eternal, desses argumentos coléricos, attrabillarios, como que feitos á maneira de armas barbaras, teríveis, para matar javalis e leões nas sélvas africanas.

Dá que eu não ouça jámais, nunca mais! a miraculosa caixa de musica dos discursos formidaveis! E que eu ria, ria — ria simbolicamente, infinitamente, até o riso alastrar, derramar-se, dispersar-se emfim pelo Universo e subir, nos fluidos do ar, para lá no fóco enorme onde vives, Astro, onde árdes, Sol, dando então assim mais brilho á tua chamma, mais intensidade ao teu clarão.

Pelo scintillar dos teus raios, pelas ondas fulvas, flavas, ó Espirito da Irradiação! pelos empurpamentos das auroras, pela chlorose virgem das steppes da Lua, pela clara serenidade das Estrelas, brancas e castas noviças geradas do

teu fulgôr, faculta-me a Graça real, o magnificente poder de rir — rir e amar, perpetuamente rir, perpetuamente amar...

O' radiante orientalista do firmamento!  
Suprêmo artista grego das fórmãs indeleveis e prefulgentes da Luz! pelo exotismo aziatico desses deslumbramentos, pelos magestosos cerimoniaes da basilica celeste a que tu presides, que esta Oração vá, suba e penetre os ethereos paços esplendorosos e lá para sempre vibre, se eternise atravez das forças firmes, n'um som alacre, cantante, de clarim proclamador e guerreiro.

---



## Dolencias...

Tu, na emoção desse encanto doloroso e acérbo da Arte, te sentirás, um dia, velho, fatigado, como um peregrino que percorreu anciosamente todas as vias sacras torturantes e perigosas.

Essa maravilhosa seiva de pensamentos, toda essa purpura espiritual, as vivas forças impetuosas do teu sangue, agindo poderosamente no cerebro, irão aos poucos, momento a momento, desapparecendo, n'um brilho esmaecido, vago, o brilho branco e virgem das estrellas glaciaes.

A tu'alma será, condemnada á solidão

e silencio, como certas formosuras claudraes de monjas que brumalmente apparecem por entre as células, deixando no espirito de quem as vê, quasi que o mysterio de um religioso esplendor...

E, já assim emmudecido e gelado para as nobres sensações do Amor, ficarás então como se estivesses morto — sem cabellos, sem dentes, sem nariz, sem olhos — sem nenhuma dessas expressões physicas que tornam os seres humanos harmoniosamente perfectos.

Em vão te recordarás da doçura de mãos avelludadas e brancas, da amorosa diaphaneidade de uns olhos claros...

As tuas Ieddos, as tuas Lésbias e as tuas Aldas, fluidamente te passarão na memoria, alvas e frias...

Por infinitamente tratar de idéas como de astros prodigiosos, sonhaste com os opulentos, doirados prestigios da Gloria; pensaste na Elevação como na solemnidade augusta das montanhas.

Mas, velho já, lembrarás um sol apagado, cuja fôrma material poderá persistir talvez ainda e cuja chamma fecundadora e ardente se extinguirá para sempre...

Não crêr em nada, não sentir nada, não pensar nada, será a tua philosophia da senilidade. E, neste estado do ser, mais cruel que o Bhudismo, deixarás, como disse Heine, que a morte vá enfim tapar-te a bocca com um punhado de terra...

No entanto, pela tua retina cansada, desfillará tudo o que tu outr'ora amaste com intensidade: os occasos affogueados, de verberações de metal sobre o mar e sobre o rio. Os finos frios radiantes, de azul resplandescente. A Lua, como estranha rosa branca, perfumando o ar, derramando lactescencias luminosas nos campos alfombrosos. Os navios, as escunas e os hiates, todas as embarcações admiraveis, que fazem sonhar, balouçando

nas ondas, em relêvos nitidos, em gravuras esmaltadas ao fundo dos horisontes.

Tudo o que pensaste, o que trabalhaste pela Fórma, com nervos e com sangue; tudo o que te deixou despedaçado, na amargura das luctas com o estylo e com a phrase, cantará saudosamente no teu peito, cantará grandioso, solemne, como os Psalmos de Salomão.

Com essa natureza mystica, quasi religiosa, que possúes, o Mundo te parecerá uma cathedral vastissima, colossal, de biliões e biliões de torres de crystal, de saphyra, de rubim, de ametista, de onix, de topasio e d'esmeralda.

E, á hora longinqua de profundo luar glacial e immovel, de cada uma dessas torres surgirá um espectro branco dos teus sonhos, como uma ronda phantastica, e os sinos plangentemente vibrarão ao mesmo tempo, com tristezas nocturnas e lancinantes, por todo o sepulchramento dos teus Ideaes.

E tu, velho, embora, na torre verde  
d'esmeralda, ficarás egrégio, vencedor,  
immortal, eterno, só e sereno, ao alto,  
sob as estrellas eternas...

---





## Occaso no mar

N'um fulgor d'ouro velho o sol tranquillamente desce para o occaso, no limite extremo do mar, d'aguas calmas, sereneas, d'um espesso verde pesado, glauco, n'um tom de bronze.

No céo, de um desmaiado azul, ainda claro, ha uma doce suavidade astral e religiosa.

A's derradeiras scintillações doiradas do nobre Astro do dia, os navios, com o maravilhoso aspecto das mastreações, na quietação das ondas, parecem estar em extase na tarde.

N'um esmalte de grávura, os mastros, com as vêgas altas, lembrando, na dis-

tancia, esguios caracteres de música, pautam o fundo do horisonte limpido.

Os navios, assim armados, com a mastreação, as vêrgas dispostas por essa fórmula, estão como que a fazer-se de vela, promptos a arrancar do porto.

Um *rhythm* indefinível, como a errante, ethereal expressão das forças originas e virgens, ineffavelmente desce, na tarde que finda, por entre a nitidez, já indecisa dos mastros...

Em pouco as sombras densas envolvem gradativamente o horisonte em torno, a vastidão das vagas.

Começa, então, no alto e profundo firmamento silencioso, o brilho frio e fino, aristocratico das estrellas.

Surgindo aavez de tufos escuros de folhagem, além, nos cimos montanhosos, uma lua amarella, de face chata de chim, véte um óleo luminoso e dormente em toda a amplidão da paizagem.

---



## Sob as naves

A'quella hora, meio tarde no dia, não sei que compuncção evangélica me assaltou, me invadio a alma, que eu penetrei no templo illuminado.

Altas naves sombrias pela névoa crepuscular da tarde; já em tons violaceos, abriam-se aos meus olhos, n'uma solemne paz mystica.

Do alto do altar-mór vinha uma austera eloquencia de Religião, de Fé Catholica, de Rito Romano.

Velas amarelladas e frias, de chamma nobre e ardente, elevavam-se em tocheiros cinzelados, n'uma luz oscillante, tremula

às vezes por alguma momentanea aragem, como almas na indecisão do viver.

Na capella do Santissimo, rutilante de caros brocados e douraduras custosas, de fulgentes pratarias, de tons azulados e brancos de jarras esbeltas, uma lampada fulgurava, toda em esmaltes de prata, por entre a meia-tinta avelludada da hora, atravez do silencio eucharistico, monastico da capella.

Uma serenidade de força divinal, de magestade tranquillã, enchia o templo de um grande ar pantheista.

Nos altares lateraes, os santos, hystericismos mumificados, no immortal resplendor das cousas abstractas, dos impulsos mysteriosos que allucinam e por vezes fazem vacillar a materia, tinham dolorosas e fortes expressões de luxuria.

Eu sentia, sob aquellas rigidas carnes mortificadas, frémitos vivos do sangue envenenado e demoniaco do peccado.

E, de repente, não sei porque profana, tentadora sugestão, vi nitidamente Nossa Senhora descer aos poucos do altar, branca e muda, arrastando um manto estrellado, e, vindo anhelante para mim, de braços abertos, dar-me, com os olhos claros de azul, profundos e céltas, infinitas, ineffaveis promessas...

Ah! naturalmente eu sonhára accordado, porque Tu, durante este meu somnambulismo de satyro lascivo, subitamente entraste, tréfega, com vivacidades de passaro, no templo illuminado; e eu então logo senti que os lindos olhos claros de azul que virginalmente se encaminharam para os meus, na ardencia de um desejo, eram, por certo, os teus olhos, sempre meigos, sempre amorosos, ó luz, ó sol, ó esplendor dos meus olhos!





## Paizagem

Na collina da villa trepada no alto agrupam-se as casarias. Ha sol. E na frente das casas caiadas de branco a luz vibra nervosamente, fazendo tremer a vista sob a crúa irradiação da soalheira, como sob os flammantes bicos vertiginosos do gaz da ribalta; enquanto que nas casas pintadas de amarello e de vermelho quebra-se a forte intensidade da luz.

N'estas uberrimas regiões agricultaveis, de louras messes de producto, amanha-se a terra para a plantação da canna, da mandioca e do milho— do milho que nasce e cresce com as suas folhas com-

pridas, flexíveis e largas como lustrosas, assetinadas fitas verdes.

E vê-se agora, na grande extensão do campo, entre a verdura fremente de sol, a gente da lavoura, applicada ao arado, ao alvião e á enxada, — homens, mulheres e creanças, com os trajes da labuta, trabalhando e cantando queixas passadas que echôam no ar tranquillo, emprestando a essas paragens o pinturesco tom de vida de um dezenho quente e colorido de leque chinez.

Mais abaixo da roça, além de uma estreita ponte de pau a pique, que se atravessa a um de fundo, está o mar, fulgurante, profundamente calmo e liso, espelhando o céu, e cortado, ás vezes docemente, por canôas á vela e a remo de voga que seguem para o mar grosso, ou por canôas a remo de pá que vão e voltam da pesca, cheias do peixe fresco que salta dentro, prateado e luzente, ainda vivo, com olhos vidrados de ma-

dreperola, as guéllas rubras e as barbatanas membranasas palpitando, no ultimo aneio vão de se moverem na água.

Ao lado direito da lavoura estão os engenhos de assucar, de farinha e de arroz, com seu ar rustico, emmadeirados de novo, no aspecto simples dessa vida rude do trabalho nos campos.

Ao lado esquerdo ha uma vasta eira de sólida argamassa de cimento romano, mandada fazer pelo proprietario desses terrenos campestres e férteis, na qual se põe a seccar, se debulham e limpam os cereaes, pelo tempo das eiras, no outono, e onde os pequenos lavradores daquelles arredóres brincam o *Tempo Será*, de cabeça núa ao fresco dos lúares serenos que espalham grandes silencios soturnos e mysteriosos nas brancas estradas dos sitios.

Quem anda por alli, nas estações primaveris, gosa do panorama ridente da

villa, refrescado de auras leves e puras, que vêm do mar; da resina que exhalam as arvores á noite, salubrisando a atmosphera, e dando ás verdejantes campinas a frescura e a nitidez de uma *gouache* encantadora.

E, quem fôr artista, e quizer percorrer ao longo da costa, até a uma gruta de pedras brancas, que alli ha, formando um vulto agachado, ou ao longo da paizagem toda, nos descampados; ou ao comprido dos atalhos marginados de hervas agrestes e tufos de espinheiros abrindo em flôr, ou ao direito do chão claro, arenoso e humido das praias, ha de sentir as mais pittorescas e vivas commoções da Natureza.

De manhã, o gado que desce os valles, lento e dócil, aspirando a temperatura azotada, seguido pelo tropeiro que canta alegre no seu cavallo; os leiteiros, que vêm de longe, que passam para a cidade com o leite dentro de latas bojudas collocadas em páus que elles atravessam

no hombro direito; as graciosas raparigas da roça, que levam a apascentar o rebanho das cabras monteizes que saltam barrancos e carcavões, aligeras, lépidas, com os seus pequenos chifres pontudos, a Mephistopheles; os carros de boi, que chamam de vagar, morosamente, na poesia do seu campestre *rhythmo sympathico*, atulhados de lenha e de canna rosa e guiados pelo camponio que vai na frente, munido de vara-páu, rosto grave e sóbrio, governando os benignos animaes com a velha technica arrastada e tremida na aspereza da voz — abençoada technica que já vem de lá dos seus antepassados e que os seus queridos filhos e netos, depois, mais tarde, quando elle fechar os olhos, terão de a receber tambem, intacta, sempre a mesma, saturada do intimo perfume intenso do passado, como uma herança eterna.

A' tarde, o gado que volta de abeberar-se, de arejar no campo, ao suave

ocaso do dia, quando tintas multicôres se esbatem no fundo dos espaços concavos; os leiteiros que voltam com a féria arranjada, pitando, ou, de cigarro atraz da orelha, assobiando meigas cantigas que aprenderam na infancia e que se fundem á melancholia, á dolencia da loira luz que morre — quando, no cimo da encosta, após a ultima badalada saudosa do *Angelus*, apagam-se os esboços e os contornos dos horisontes, cahindo então sobre a terra a neblina cinzenta do crepusculo...

---



## Astro frio

Por entre cellas mysticas, silenciosas, lá te foste emmudecer para sempre, ó harmonioso e celebre passaro do canto, nos pesados claustros.

Côr de rosa e de ouro, na illuminada sala dos theatros, trinavas para o alto ineffavelmente, e, agora, não sei porque tormentosa paixão que te desolou um dia, ficaste infinitamente reclusa, sob os fuscos tectos de um convento, como uma rara rosa opulenta n'uma estufa triste, fugindo ao sol dos prados.

Fria e muda, estarás, talvez, a estas horas, ajoelhada na capella de um Christo

glacial de marfim sagrado—branca, mais glacial e de mais branco marfim do que esse Christo, com as niveas mãos de cêra e a face também de cêra macerada pelos jejuns e pelos cilícios, dentro de sombrias vestes talares.

E, assim muda e assim fria, perpassarás como a sombra de um vivo affecto ou de um profundo sentimento artistico, ao frouxo clarão de ambar das lampadas lavoradas.

O teu alado perfil, as tuas linhas suaves, serão, no religioso crepusculo da capella, como que a recordação do aroma, da luz, do som que tu para a Arte foste.

Nos olhos, apenas uma scintilha, uma leve faisca evidenciará o passado esplendor, o encanto que elles tiveram, quando amaram, cá fóra no mundo, com as violencias do desejo, com os impetos frenéticos, vertiginosos da carne.

E os corações que te adoraram, que

te ouviram outr'ora os incomparáveis gorgeios da garganta, que te sentiram a carnação formosa palpitando sob a victoria dos applausos, ficarão saudosos e perpléxos ao ver-te agora assim para sempre enclausurada, para sempre gelada aos fulgores e sensações do mundo, mergulhada, emfim, na necropole de um convento, como um astro atravez de frigiditas e espessas camadas de neve ...





## Bebado

Tôrvo, tremulo e triste na noite, esse bebado que eu via constantemente á porta dos cafés e dos theatros, parára em frente do cães deserto, na alta, profunda hora solitaria.

Espadaúdo, de grande estatura, hombros fortes, como um cossaco, costumava sempre bater a cidade em marchas vertiginosas, na andadura bamba dos ébrios, indo pernoitar depois alli, perto das vâgas, amigas eternas da sua nevrose.

Um luar baço, ennevoado, de quando em quando brilhava, abria, rasgando as nuvens, n'um clarão que illuminava am-

plas fachtas de céo de um tom esverdeado, como folhagens tenras e frescas lavadas pela chuva.

O Mar tinha uma estranha solemnidade, immovel nas suas aguas, com uma larga refulgencia metallica sobre o dorso.

Da paz branca e luminosa da lua cahia, na vastidão infinita das ondas, um silencio impenetravel.

E tudo, em torno, naquella immensidade de céo e mar, era a mudez, a solidão da lua...

Junto ao cáes, olhando as vagas repousadas, a taciturná figura do bebado destacava em silhouette sombria.

E elle gesticulava e fallava, movia os braços, proferia palavras asperas e confusas, como os tartamudos.

Eu via-lhe as mãos, todo o corpo invadidos por um convulsivo tremor, que não era, de certo, a desoladora e enregelada doença da senilidade.

O seu aspecto, ao mesmo tempo piedoso e feroz, traduzia a expressão terrível que deixa o bronze inflammado da Dôr calcinando naturezas nervosas e violentas.

Trôpego, espectral, fazia pensar, pela corpulencia, na massa formidanda de um desses ursos melancolicos, caminhando aos boléos, como que n'uma bruma de pesadêllo...

Os seus grandes olhos d'arabe, muito perturbados pelo alcool, tinham o brilho amargo de um rio de aguas turvas e tristes.

Era talvez um desses seres nebulosos, gerados do sangue aventureiro e venenoso de uma bailarina e de um judeu, sem episodios pittorescos, frescos e picantes de alegria e saude.

Um desses seres tenebrosos, quasi sinistros, a quem faltou um pouco de graça, um pouco de ironia e riso para florir e illuminar a vida.

Alma sem humor — essa força fina e fria, radiante, que deu a Henri Heine tanta magestade.

No entanto, quanto mais eu observava esse fascinado alcoolico, pasmando instinctivamente, na confusão neblinosa da embriaguez, para as ondas adormecidas na noite, mais meditava e sentia as profundas visões de somnambulo que lhe vagavam no cérebro, as saudades e as nostalgias.

Porque o alcool, pondo uma névoa no entendimento, apaga, desfaz a acção presente das idéas e fal-as recuar ao passado, levantando e fazendo viver, trazendo á flor do espirito, indecisamente, embora, as perspectivas, as impressões e sensações do passado.

Nos limpidos espaços nem um movimento, um frémito leve de aragem perturbava a harmoniosa tranquillidade da noite clara, por entre os finos rendilhamentos prateados das estrellas.

Mais amplo, mais vasto e sereno ainda, o silencio descia, pesava na natureza, sobre os telhados, que pareciam, aggrupados, agglomerados nos infindaveis renques de casas, enormes dôrsos escuros de montanhas, de elephantes e dromedarios.

Sobrepujando, avassalando tudo, com expressões mysteriosas da Edade-Média, as elevadas torres das egrejas, como vigias colossaes de granito, erectas para o firmamento na luminosa sonoridade do luar, tinham a nitidez dos dezenhos.

E a luz do astro nocturno e branco, da Veronica do Azul, fria, congelada de magoas, envolvia a face atormentada do bebado como n'um longo sudario de piedades eternas...

---





## Sabôr

Os inglezes, fidalgo entendimento de artista, para significar — o melhor — dizem na sua nobre lingua de prata: *the best*.

O que os inglezes chamam *the best* é finalmente o que eu quero exprimir com a palavra — sabôr — que, para a requintada espiritualidade, marca alto na Arte — philtrada, purificada pela exigencia, pelo excentrismo da Arte.

Após a delicia frugal de um *lunch* de fructas silvestres e claros vinhos, n'uma collina engrinaldada de rosas, quando o sol sob nuvens apparece e desaparece,

n'uma confortante meia-sombra de luz, não é apenas o goso das fructas e dos vinhos que te fica saboreando no paladar.

O asseiado aspecto do dia levemente frio, agulhante nas carnes, o ouro novo do sol em cima, a côr bizarra, correcta do verde luxuoso, o gelo fresco e crystalino nas taças sonóras espumantes de liquidos vaporosos, e o viçoso encanto de formosas mulheres, rindo em boccas de aurora e dentes de neve, — toda essa impressionante, alegre palheta de pintura á agua, aflóra n'um esplendor de goso a que tu bem podes chamar o raro sabôr das cousas.

A clarevidencia na attitude dos perfis que a essa hora pintalgam a paizagem de colorido variado, o aroma que de tudo vem e que de tudo sóbe para a serenidade azul, o *rhythmo sympathico* do momento, a lassitude branda de nervos, que engólpha as idéas n'uma larga

felicidade amavel — como em amplos coxins de arminho — todas essas preciosas maneiras e pittorescos estylos que dão *linha*, grande tom ao viver, fazem, emfim, que de tudo se experimente um radiante, aguçado sabôr.

Não basta, pois, o paladar. Esse, apenas, materializa. Não é, portanto, sufficiente, que se sinta o sabôr na bocca, que se o examine, que se o depure, que se o saiba distinguir com acuidade, com atilamento. É necessario, indispensavel que, por um natural desenvolvimento esthetico, se intellectualize o sabôr, se perceba que elle se manifesta na abstracção do pensamento.

Para mim, as palavras, como tem colorido e som, têm, do mesmo modo, sabôr.

O cinzelador mental, que lavóra períodos, facéta, diamantiza a phrase; a mão orgulhosa e polida que, na escripta, burila astros, fidalgo entendimento de

artista, deve ter um fino deleite, um sabôr educado, quando, na riqueza da concepção e da Fôrma, a palavra bróta, floresce da origem mais virginal e resplende, canta, sonoriza em crystaes a prosa.

Para a profundidade, a singularidade de todo o complexo da Natureza, o artista que sente claro entende claro, pensa claro, saboreia claro.

---



## Lenda dos Campos

Por uma doirada tarde azul, em que os rios, após as chuvas torrencias, sonorizavam crystalinamente os bosques, os camponezes de uma villa risonha, n'uma uncção biblica, conduziam ao tranquillo cemiterio florido o loiro cadaver branco de uma virgem noiva, morta de amor, tão bella e tão nova, emmudecida no féretro, como se tivesse acabado de nascer da rosada luz da manhã.

Infantil ainda, viéra outr'ora da Allemanha, atravéz de castellos feudaes, de montanhas alpéstrés, de arvores velhas e ennevoadas...

E, então, desde o dia da sua morte, uma lenda espalhou-se, como a dos Niebelugen, em todas aquellas cabeças ingenuas, rudes e humildes.

Ella era a deusa phantastica, a visão encantada dos antigos palacios medievaes de vidraçaria gothica, onde as rainhas mortas appareciam, brancas ao luar, á flôr dos lagos e rios, suspirando toda a tragedia hysterica dos convulsivos amores passados, que os ventos de hoje como que ainda melancholicamente repetem...

Era a monja das ameias dos castellos feudaes, graves e solemnes, cheios de névoas allemãs, atravessados de phantasmas que fazem mover alvas e longas clamydes de linho no ar neutralisado da meia-noite...

E, por altas horas, em certos dias, ao luar, a imaginação apprehensiva dos homens e mulheres do campo, via uma virgem loira, de ignóto aspecto de ondina magica, surgir do solo entre exhalações

phosphorescentes, o coração traspassado de flechas inflammadas, arrastando soturnamente pela areia luminosa uma vasta tunica branca, os cabellos de sol soltos para traz, candidamente pallida, cantando a canção somnambula do tumulo e desfolhando grandes grinaldas de flôres de lorangeira, cujas frescas e niveas pétalas cheirosas redemoinhavam, agitadas por um vento frio — pelo vento gelado e soluçante da Morte...

---





## Noctambulismo

Emquanto, fóra, na noite, gralha, grasna  
e grulha o Carnaval em furia, vae, Mer- +  
gulhador, rindo para o espaço a tua aguda  
risada acérba.

Os luminosos lyrios das estrellas des-  
abrocharam já nos faustosos brocados do  
Firmamento, como que para rhythmmar em  
claras árias de luz a tua tôrva risada  
triste.

Apavóra-te o Sol flammejante, eterno,  
na altura infinita. Não queres a afflictiva  
evidencia do sol, que tudo põe n'um re-  
levo brusco, que pinta as chagas de ver-

melho, faz sangrar as dores, perpetuar em bronze o remorso.

Amas a sombra, que esbate os aspectos claros, esfuminha os longes, turva e quebra a linha dos corpos.

Queres a noite, longas trévas amargas que confundam mascarar hediondas de Gwimplaines com faces louras de deusas.

Noite igualmente deliciosa e dilacerante que te annulle para os sentimentos humanos, que te dispêrse no vacuo, dissolva immortalmente o espirito n'um som, n'um aroma, n'um brilho.

Noite, enfim, que seja o vasto manto sem astros que tu arrastes pelo mundo a fóra, perdido no movimento supremo da Natureza, como um mysterioso braço de rio que, através fundas sélvas escuras, vae, por estranhas regiões, sombriamente morrer no Mar...

A noite tem, para a tua delicada sensibilidade, o magestoso poder de apagar-te dos olhos esses sinistros animaes terri-

veis que babujam ao sol e desfilam, diante de ti, na truculenta marcha cerrada de pesadas massas formidandas.

- Emquanto, pois, lá fóra, o Carnaval em furia gralha, grasna e grulha, n'um repique macabro de guizos jogralescos, uivando uma lingua convulsiva e exotica de duendes e noctambulas bruxas walpurgianas, prende-te, ó deus do Tédio, Mergulhador dos Mediterraneoos da Arte! ás immensas azas da fria aguia negra das amplidões — a Noite — e ri, ri! sob as claras árias de luz das Estrellas, a tua venenosa risada em fél e em sangue...
-





## Navios

Praia clara, em faixa espelhada ao sol,  
de fina areia humida e miuda de comoro.

Brancuras de luz da manhã prateiam  
as aguas quietas, e, á tarde, coloridos  
vivos de occaso as matizam de tintas rú-  
tilas, flavas, como uma palheta de iris.

Navios balanceados n'um rhythmo leve  
fluctuam nas vitreas ondas virgens, com  
o ineffável aspecto das longas viagens,  
dos climas consoladores e meigos, sob a  
candente chamma dos trópicos ou sob a  
fulguração das neves do Pólo.

Alguns d'elles, na alegre perspectiva  
marinha, rizam matinalmente as velas e  
partem—mares a fóra—visões aquaticas  
de pannos, mastros e vêrgas, sobre o li-

quido trilho esmaltado das espumas, em busca, longe, dos ignótos destinos...

A' tarde, no poente vermelho, flamante, d'um rubro clarão d'incendio, os navios ganham sumptuosas decorações sobre as vagas.

O brilho sangrento do occaso, reverberando na agua, dá-lhes uma refulgencia de fornalha accêsa, de bronze inflamado, d'entre scintillações de aço polido.

Os navios como que vivem, se espiritualizam nessa auréola, nesse esplendor feérico de sangue luminoso que o occaso derrama.

E, mais decorativos são esses aspectos, mais novos e fantasiosos effeitos recebem as afinadas mastreações dos navios, d'onde parece subir para o alto uma fluida e fina harmonia, quando, após o esmaecer da luz, a Via-Lactea resplende como um sôlto collar de diamantes e a Lua surge opaca, embaciada, n'um tom de marfim velho.

---



## Emoção

Não sei que estranho *frisson* nervoso percórre-mê ás vezes a espinha, me electriza e sensibilisa todo como se o meu corpo fosse um harmonioso teclado de crystal vibrando as sonoridades mais delicadas.

Um hombro avelludado e trescalante a frescuras aromaticas, que pelo meu hombro levemente róce na rua, n'um encontro fortuito, produz-me um estado tal de volupia, dá-me tão longa, larga volupia, que me vejo por entre incensos, festivamente paramentado como o sacerdote que ergue o calix acima da cabeça, ao alto do Altar-Mór dos templos doirados,

sentindo que uma alluvião de almas crentes o adora de joelhos.

A mão fina, ideal, calçada em luva clara, de formosa mulher que por entre a multidão apparece e desaparece, como uma estrella por entre nuvens, bem vezes, tambem, me alvoróça e agita o sangue.

E sigo, radiante, triumphal, rei, essa nobre mão enluvada, á qual eu em vão pediria o ouro, a riqueza affectuosa de um gesto carinhoso — a essa delicada mão avara e millionaria que, para mais avara tornar-se ainda, se fôra esconder na maciez elegante da luva fresca, vivendo dentro della affagada, confortada, palpitando talvez por encontrar a mão feliz que vibrará de amor ao seu contacto.

Então, assim, a emoção que desperta todos os meus sentidos, no curioso gyro que faço com o pensamento acompanhando a feminina mão fidalga, não é uma

emoção de indiferença, por certo, mas uma emoção de despeito.

Estranhamente, como uma força herculea que me prendesse á terra, chamando-me á inilludível Realidade, desço das inauditas, sideraes regiões a que subira.

Vejo-me logo, então, profundamente vencido no tempo, e, no meu rosto, á maneira dos fundos sulcos que as charruas abrem nos campos, imprevistas rugas se evidenciam, como se eu tivesse de repente envelhecido um anno.

Da Dôr, bem poucas vezes sinto só o que ella tem de selvagem, de rugidora.

Emoções delicadas, subtis, que me dão tambem fundo na alma porque me melancolisam, deixam me um rhythmo de musica, uma afinada dolencia de suavissimos violinos, e que por fim delicia.

É como se alguém vibrasse de brando as cordas d'um instrumento e elle, tremula, amorosamente, ficasse a gemer no

mais meigo, no mais doce dos dedilhados accórdes...

A emoção é que me faz amar os eucalyptus, altos, afilados, contorsidos convulsamente, como a dôr d'um gigante.

É ainda essa mesma emoção que me faz perceber e ouvir o mysterioso som dos metaes: o claro riso diamantino da Prata e o trovejante rumor do Bronze.

O que o mundo chama fatalidades, negras e assoberbantes catastrophes, como um incendio, não posso bem com nitidez dizer que emoção me causa.

Realmente, n'um incendio, todas aquellas chammas são maravilhosas!

Não sei que raro, que estupendo Rembrandt veio de surpresa encharcar de um rubro violento, sanguinolento e flammejante, todo aquelle bello edificio que, a pouco, era um rendilhado palacio ou uma igreja gothica, um Louvre em pompas ou um faiscante chalet d'esmalte.

E não sei até como todas essas chammass, formando myriades de phantasmagorias, illusionismos, entre os quaes ás vezes perpassa a deliciosa côr azulada, avelludada, de poncheiras colossaes, não devoraram logo tudo a um tempo!

Têm sido, talvez, benevolas, piedosas de mais as chammass, porque ha já bastantes horas que o fogo alastrou, minou, rastejou, como um verme de incendio, pelos alicerces do edificio e só agora é que os travejamentos desabam, as paredes cáem, como se fossem de cêra, milhares de fogosinhos correm electricamente como microscopicos insectos luminosos pelo luxuoso papel das paredes, enquanto todo o resto da madeira estalla e range, n'um crac-crac secco, cahindo desmantellada como os mastros e vergas de um navio que se afunda na fúria dos oceanos, sob o rijo estourar das tormentas.

Allucinamento, nevropathia, embora, eu não sei bem, na verdade, se um incendio.

me apavóra ou me delicia, — o que sei é que intimamente me sobreexcita.

Tambem o Mar, a emoção que experimento ao vel-o, verde, amplo, espelhado, dá-me uma saúde virgem, uma força virgem.

Sinto o goso repousante de sondal-o, de descer á immensa e profunda necropole gelada onde uma florescencia de algas vegeta ; e, ao mesmo tempo, diante do Mar, sinto o peito alanceado da incomparavel saudade de paizes vistos atravez do kaleidoscopio da imaginação, dos sonhos phantasiosos — paizes lindos e felizes, floridos trechos de terra, ilhas tranquillias, provincias loiras, simples, de caça e pesca, onde a sombra amorosa da paz bemfazeja fosse como uma sombra doce, protectora, de arvore velha, e onde, emfim, a Lua tudo immaculasse n'uma frescura salutar de pão alvo...

A emoção, a sensibilidade em mim, quasi sempre desperta uma meditativa

amargura, uma grande e mystica dolencia do passado, que ennevôa tudo—como o indefinido mysterio perfumado dessas soberbas mulheres de Versailles, carnações fidalgas e perfeitas que estremeceram de luxúria e apaixonadamente amaram pelos velhos parques abandonados, rojando sobre a areia sonóra das alamêdas a cauda astral das vestes de Deusas.





## Os Canticos

No templo branco, que os marmores augustos e as cinzeluras douradas esmaltam e solemnisam com resplandescencia, d'entre a profusão sumptuosa das luzes, suavissimas vozes cantam.

Córos edénicos ineffavelmente desprendem-se de gargantas limpidas, em finas pratas de som, que parecem dar ainda mais brancura e sonoridade á vastidão do templo sonóro.

E as vozes sóbem claras, cantantes, luminosas como astros.

Christos aristocraticos de marfim lavrado, como fidalgos e desfallecidos prin-

† cipes médiévos apaixonados, emmudecem diante dos Canticos, da grande exalção de amor que se desprende das vozes em fios subtilissimos de voluptuosa harmonia.

O seu sangue delicado, ricamente trabalhado em rubim, mais vivo, mais luminoso e vermelho fulge ao clarão das velas.

Dir-se-hia que esse rubim de sangue palpita, acceso mais intensamente no colorido rubro pela luxuria dos Canticos, que despertam, ciliciando, todas as virgindades da Carne.

Fortes, violentas rajadas de sons perpassam convulsamente nos violoncellos, emquanto que as vozes se elévam, sóbem, n'um vehemente desejo, quasi impuras, maculadas quasi, n'uma intenção de nudez.

E, atravez da volupia das sedas e damascos pesados que ornamentam o templo, das luzes adormentadoras, dos perturbadores incensos, da opulencia festiva dos paramentos dos altares e dos sacerdotes,

das egrégias musicas sacras, sente-se impressionativamente pairar em tudo a volupia maior— a volupia branca dos Canticos.

---





## Fulgores da Noite

Désce um desses crepusculos violaceos em que parece errar no espaço a ennevoadada musica das casuarinas...

Envolvem gradativamente a immensidade os velludos negros da Noite. //

N'um céo frio d'inverno, que umas mais frias estrellas esmaltam pouco a pouco, começa prodigiosamente a surgir a Lua, alta e mysteriosa, lembrando balladas.

Dias d'ouro, ricos e raros, resplandesceram já com o Sol na luxuria verde da folhagem.

E agora, o luar, que veste as noites

de noivas, desdobra sumptuosamente as suas tulles delicadas e os seus luxuosos setins brancos, immaculados.

Fecundam-se os grandes campos, quietos na nivea luz da Lua, no clarão que d'ella jórta, dormente e doce.

E os animaes que repousam na amplidão dos viçosos gramados, gozam tranquillos um somno brando, acariciador, como que produzido pela amorphinada claridade da Lua limpida e profunda.

As aguas, as frescas aguas das fontes e rios, as largas aguas dos mares serenamente adormecem, n'um esplendor crystalino.

Apenas uma surdina leve que sáe d'ellas, como um leve resomnar, lhes denuncia, no silencio claro da noite, a natureza sonóra.

E emquanto a rumorosa paizagem, todos os frementes impulsos do dia calam-se, em redor, na noite, a lua e as

estrellas amorosas acórdam e brilham,  
n'um recolhimento de Sanctuario, todas  
de branco, como virgens para a primeira  
communhão.

---





## Psychologia do Feio

*Peters*, esse humorismo ao mesmo tempo allucinante e alado; o pessimismo paradoxal de Alphonse Karr e Gustavo Droz, tão semelhantes nas linhas geraes; todo aquelle pungente, doloroso, estranho *Livro de Lazaro*, de Henry Heine, tudo isso, fundido n'uma crystalisação de lagrimas e sangue, como a flammejante e espiritualisada epopéa do Amor, exprimiria bem, talvez, a noite da tua psychologia negra, ó soturno, ó triste, ó desolado Feio!

Tu vens exacta e directamente do Darwin, da fórma ancestral commum dos seres organizados: eu té vejo bem

as saliências craneanas do Orango, o gesto lascivo, o ar animal e rapace do simio.

As tuas feições, duras, sêccas, quasi immobilisadas em pedra, puchadas, arrepanhadas n'um mômo, como a confluencia interior dos desesperos e das torturas, abrem-se rebelladamente n'um sarcasmo, ao qual ás vezes uma gesticulação epilectica, nevrótica, clownesca, faz impetuosa brotar a gargalhada das turbas, enquanto a tua voz coáxa e grásna, n'uma deprecação de morte, com ásperas e surdas variabilidades ventriloquas de tons.

O teu horror não é deploravel só, não causa só piedade — mas é um obsceno horror — e, as abas compridas e esfrangalhadas d'uma veste que te fica em rugas, em prégas encolhidas de largura nesse teu corpo esquelético, e que parece a mortalha d'algum hirto cadaver que houvessem desenterrado — as exqui-

sitas abas dessa veste, sob o chicote electrico do ventô, alçam-se em vôo, deblatéram por traz de ti, anciosas, afflictas, puchando-te, n'um arrebatamento hystérico, como se fossem furias tremendas que te quizessem arrojtar pelos ares, n'um delyrio de darem-te a morte.

Outras vezes, porém, lembram as azas de um grande morcêgo monstro, immensas e membranosas, causando asco nauseante e enchendo tudo d'uma sinistra tréva lugubrememente cortada de arrepios e esvoaçamentos medonhos.

Arvores frondentes e undiflavadas de sol, onde os passaros cantem; rios gorgolejantes de crystaes sonóros; vivos e illuminados vergeis em flôr; campos verdes, afôfados na verdura tenra, como estôfos de velludos e sêdas rutilosas e orientaes, não são já para a tua alegria, ecuada agora no fundo das nostalgicas eblinas da torturante desillusão de se-es Feio.

Os perpétuos gelos do Vólga e do Néva para sempre rólam, em densas camadas, sobre o teu coração; e, ahí, tudo, o que d'elle se approxima, outros corações que te buscam, outros affectos que te procuram, perdem todo o calor, resfriam logo, inteiramente ficam gelados, já diante da tangibilidade gwimplinesca da tua fealdade.

Só eu, n'uma suprema hora de spleen, de esgotamento de forças psychicas, em que me falte extensamente o humor — essa radiosa bondade hilariante do Espirito — te idolatro e procuro, ó lascivo Feio! que na luxuria pantagruélica dos vermes devóras na treva os sonhos — porque não os pódes alimentar, nem ver florir, nem crescer! sem que a diabolica verdade flagrante esteja a rir do teu amor e a pintar picarescamente caricaturas na quasi apagada perspectiva da tua existencia.

Só as artisticas sensibilidades ner-

vosas, vibráteis, quasi feminis, pódem amar-te; enquanto que as individualidades ôcas, estéreis, áridas, duras, sem vibração sensacional, sem côr, sem luz, sem som e sem arôma, fugirão para sempre de ti' como á repellenciã asquerosa de um putrefacto.

Entretanto, eu gôsto de ti, ó Feio! porque és a escarpellante ironia da Formosura, a sombra da aurora da Carne, o luto da materia doirada ao sol, a cal fulgurante da satyra sobre a ostentosa podridão da belleza pintada. Gôsto de ti porque négas a infállivel, a absoluta correccão das Fôrmas perfectas e consagra-das, comquanto tenhas tambem, na tua hediondèz, toda a correccão perfeita — como o sapo, coaxando cá em baixo na lodosa argilla, tem, no emtanto, a repellente correccão propria de sapo; — como a estrella, fulgindo, lá, em cima, no precioso Azul, tem a serena e sidéria correccão propria d'estrella.

Por uma especie apenas de schaupe-nhaurismo é que eu adoro-te, ó Feio! e quereria bem rolar contigo n'esse Nirvana de duvida até á suprema anniquilação da Morte, vendo surgir, como de lagos de chimeras, em estalagmites de neve, diante de mim, sombrios e álgidos pezadellos de mulheres amadas: pallidas Ophéliâs, Margaridas louras, Julietas atormentadas, visões, emfim, como nas tragedias de Macbeth ou a nevoenta Visão germanica do Graal.

N'uma seda negra d'Arte, vestidos de negro, á semelhança desse tragico Hamlet da Dinamarca, iríamos os dous, aavez dos largos e profundos cemiterios silenciosos, consultar as rigidas caveiras das virginaes Illusões que se foram, e que, á nossa approximação, sorririam, talvez, felizes, como se lhes levassemos a palpitante materia animada dos nossos corpos para cobrir, fazer viver as suas galvanisadas carcassas frias.

Mas ah! eu quizera bem, por vezes, também, ter o rude materialismo analytico de Búchner, que, certamente, não sentiria por ti, ó Feio! esta estravagante, excentrica, singular influencia mórbida que nas funções do meu cerebro vem, contudo, como doença amarga, um tedio amarello e pesado de chim que o opio estoporou e enervou.

Não houvesse dentro em mim, atravez das Illiadas do Amor, das Bacchanaes do Sonho, um sentimento melancolico ao qual o pensamento dá uma expressão de enfermidade psychologica, e eu não arrastaria a tua sombra, não andaria preso ao teu esqueleto, ó soturno, ó triste, ó desolado Feio!

---





## Vitalisação

Ha uma irradiação larga e opulentíssima nos ares.

O esbrazeamento do sol do fim da tarde dá fortes verberações quentes á paizagem, que resplandesce, e de cuja vegetação estuante de calor parecem rebentar as raizes tumidas de seiva como veias immensas latejando de sangue oxigenado e vivo.

Nessa elaboração enorme da Terra que procrêa e fecunda, na gestação desses mundos que, como astros, gravitam talvez em cada grão de areia, pullulando e vibrando, a Natureza é como uma grande força animada e palpitante dando

entendimento e sentimento á Materia e fazendo estacar a vida no profundo occaso da Morte.

E, d'ahi a pouco, a Lua, atravez das mattas do valle, anhelante e álgida, surgirá, rasgará d'alto as nuvens no céo, acordando os arômas adormecidos, crystalisada, vagarosa e tristemente, como uma dôr que gelou...

---



## Gloria in Excelsis

N'um recolhimento suggestivo, como se o meu espirito estivesse longinquamente a orar n'alguma velha abbadia, penetrei na cathedral em festa.

Não sei que de nevoento, vago, dolente e nostalgico me invadira de repente e por tal fórma que eu fui como que somnambulamente á solemnidade.

Todo o templo, ornamentado, resplandescia, n'uma imponencia, n'uma augusta sumptuosidade, a que o grande esplendor das luzes dava magestades romanas.

A onda humana, compacta, densa, murmurava, n'uma compuncção.

Alvuras de incenso envolviam como

que em brumas immaculadas, em flócos matinaes de neblina, o vasto recinto da egreja.

Lustres immensos pendiam pomposamente da abobada branca, n'uma infinidade de pingentes que tiniam e scintilavam como polidas, facetadas laminas metallicas, n'um brilho molhado.

Do côro, para o alto, os instrumentos de córda choravam, psalmodeavam, n'um crescendo de notas, atravez dos vivos metaes sonóros.

Eram excélsos, eram egrégios aquelles sons sacros, religiosos, que subiam para as naves á maneira que os incensos subiam.

No peito, como n'uma urna de crystal, o coração batia-me, pulsava-me, anhelante, na ancia, na vertigem de vê-la por entre todo aquelle confuso e amplo borboletear de cabeças.

E, quando houve um alegre e diamantino tilintar de campas e o sacerdote

elevou no calix o Vinho Sagrado, o coração, como estranho passaro de sol, fugiu-me do peito, n'um alvoroço, arrebatado, maravilhado na grande luz do templo, em busca dos olhos della, que de repente me fitaram, longos, negros e veludosos, quando, por entre niveas névoas d'incenso, o *Gloria in Excelsis*, exalçando os Evangelhos, triumphava nas vozes e levantava um festivo rumor no templo.

E foi, para o meu coração lancinado de amor, como se Ella, naquelle instante, me trouxesse toda essa Gloria luminosa nos olhos....

---





## Pagina flagrante

Inflamados de sol, como passaros no esplendor da aurora, partiam Ambos a digressões singulares, por manhãs alegres, da alegria impulsiva e bizarra dos Hallalis de caça.

Uma virginal exalação de leite, um aroma finissimo de lilaz e rosa errava pelos prados sãos e férteis, na grande luz alastrante e germinadora da primavera.

Na franqueza heroica da força que a expansão vigorescente da Natureza lhes infiltrava, experimentavam Ambos uma sensação aguda de espiritualidade, um electrismo de idéas, que os agitava, da-

valhes intensa vibratibilidade, uma embriaguez fascinante de acre atticismo mental, por entre os radiantes orientalismos da luz.

E elles partiam nervosamente, alvoroçados, finos, fulgurantes, como sob a impressão da alta e convulsionante musica wagneriana.

De uma abundante e luxuriosa vegetação psychica, enclausurados na Arte como n'uma cella, lá iam sempre n'essas continuadas *batidas*, n'esses verdadeiros assaltos ao Ideal, n'um fausto de Império Romano, arrebatados pela grande bórbolêta iriante, fugidia e fascinadora da Arte.

Vinham então os livres exames, os amplos golpes de Critica, ao fundo e ao largo, atravez dos turbilhões luminosos do sol.

Quasi feroz, cheio de barbaros venenos e ao mesmo tempo unctuoso como os inquisidores, um d'elles fazia vaga-

mente lembrar a urze das montanhas áridas, sobre a qual, entretanto, o Azul canta de dia os hymnos claros do sol e á noite a amorosa barcarolla da lua e das estrellas.

O outro, recordava tambem, pela sua exótica natureza perpetuamente envolta n'uma bruma de mysterio, um Christo celebre de Gabriell Max, corpulento, viril, de aspecto egualmente atterrador e piedoso, que vi uma vez n'uma galeria...

Organizações dubias, obscuras, de acridão agreste, que representam, na ordem animal, o que representa, para as camélias e para as rosas, o cróton.

E aquellas duas almas, intellectualmente impulsionadas, abriam-se em chammas altas, aos deslumbramentos da sua esthesia.

As idéas fulgiam, cabriolavam, penetravam todo o arca bouço do assumpto, tomavam fórm as, aspectos estranhos, ma-

cabros; e era tal a intensidade, a vehe-  
mencia com que brotavam do cerebro,  
que pareciam viver, radiar, ter côr, vi-  
brar.

A verve esfusiava, mentalizada pela  
Analyse, pela Abstracção e pela Syn-  
these; satyras frias, cortantes como rijos  
e aguçados cutellos, espetavam capras  
a carne tenra, viçosa, prospera, de S.  
Magestade Imbecil; e, para suprema-  
mente assignalar todas as surpresas e  
elevação do Entendimento, uma psycho-  
logia rubra, flammante, sangrava, sangra-  
va em jôrro, torrencialmente sangrava.

E eram *boutades* maravilhosas, a *charge*  
leve, pittoresca, ferretoando, zumbindo  
sobre os homens circumspectos; que pas-  
savam, o andar solemne, *rhythmado*, em  
cadencia, como na marcha das procis-  
sões.

E Ambos riam, riam, n'uma risada so-  
nóra e forte, como se festins scintillan-  
tes, bacchanaes, triclinios, todas as ver-

melhas orgias do Espirito, lhes cantassem crystalinamente no riso.

De repente, como uma pausa repousadora nesse crepitante incendio de *verve*, penetravam subtilmente, com delicadezas extremas, nos pensamentos mais curiosos, mais suggestivos, nos amargos dolorimentos e pungencias latentes da Arte.

Diziam cousas aladas, quasi fluidas, que determinavam a abstracção do ser que os animava e floria; tinham essa percepção, esse entendimento profundo, tanto luar como sol, que explica, mais ainda do que o que se perpetúa em flagrança n'um livro, a poderosa força creadora, a ductilidade, a emoção e a contensão nervosa de raras naturezas artisticas.

Reflectiam que certo modo de collocar, de pôr as mãos, de certas mulheres, lhes fazia longamente considerar, meditar nas monjas...

Pensavam que no mundo ha nature-

zas tão excêntricas e nebulosas que, pelas condições complexas em que se encontram na vida, precisariam de uma philosophia nova, original, para determiná-las. Eram como que existências irriçadas de abetos alpestres, carnes que se rasgavam, se despedaçavam...

As rosas, pareciam-lhes bellezas opulentas, pomposas, da Inglaterra....

E todo o universo estava agora tão atrozmente perseguido por tédios mortaes, que os homens já naturalmente fallavam em morrer como quem falla em viajar ou em rir...

Quanto á Arte queriam que a expressão, que a phrase visse, brilhasse, sonora e colorida, como um órgão perfeito. Que tudo o que dissessem ficasse impercível, eterno, perpetuado no Espaço e no Tempo, com os sons que os circumdavam, a côr, a luz, o aroma que os attrahia.

As palavras deveriam ser, para se eter-

nisarem, cravadas no ar limpido, como n'um forte crystal de rócha.

Era a ancia dos requintes supremos, a exigencia das fórmulas castas, que os fascinava, que os seduzia, tentava como nudez formosa de mulher virginal. Tudo, emfim, na Arte, deveria ficar luminoso e harmonioso, como um cantar d'astros.

E lá caminhavam, inquietos, vertiginosos, no esplendor matinal, que os alagava e fecundava, como um prodigioso rio de ouro e diamantes, terras maravilhosas e productivas.

Iam á conquista das Origens verdes, das puras aguas brancas da Originalidade, d'entre o vibrante alarido de crystal dos seus temperamentos austraes, ardentes e sangrentos.

Como orchestrações largas, symphonias vivas de emoção e idéas, rompiam dia a dia nessas *batidas* frementes, n'uma transcendencia de principios e sentimentalidades — talvez no intimo dolorosos,

lancinados pelo *Miserere* das Illusões elevadas.

E, muitas vezes, já alta madrugada, sob o sereno e suave adormecer das estrellas alvoraes, não era sem uma derradeira Apostrophe á soberana Chatice que essas duas existencias chammejantes se separavam, n'um grande clarão espi-ritual de affectos.

Então, um d'elles, n'uma acclamação, n'um gesto singular e prophético, arrojava, além, para os seculos, esta *charge* infernal, suprema:

— A divina Estupidez, a omnipresente Imbecilidade ficaria eterna, ao alto, junto ás nuvens, sobre uma estranha Babel de milhões de degrãos de bronze, como n'um throno colossal, bufando e roncando, a dominar as immensidades, phantasticamente, omnipotentemente, guardada por cem mil esquadrões ferozes, monstruosos e formidaveis, de hippopotamos e bufalos!...

---



## Tintas marinhas

Mar manso, pelo fim da tarde.

O ouro fulvo dos horisontes no occaso  
a pouco e pouco esmaéce.

Pela manhã chovêra; mas em antes  
do pôr do sol o dia levantára e as per-  
spectivas humidas e frescas embebem-se  
agora no efflúvio salutar das marés.

No espaço ha uma grande accumula-  
ção de nuvens aureas e roseas, d'um  
forte colorido de silforama.

Para além, da outra banda do mar, a  
faixa larga e prateada da praia, em cur-  
vas, colleando, está de uma extrema do-  
çura e nitidez ineffavel. A retina mal pôde  
apanhal-a.

Os olhos pestanejam, nas infinitas vertigens e nos prismas visuaes subtis e cambiantes de myope, diante do encanto dos tons da luz leve, rarefeita, espiritua-lisante e fina, como um tecido tenuis-simo.

Ha em toda a marinha um aspecto amavel, uma suavidade de aquarella *d'après nature*, quasi extase...

Dá um esplendido effeito á visão op-tica e um revigoramento humorado ás faculdades artisticas, este bello trecho sadio e agradavel de vagas, em cuja superficie a luz frouxa da tarde se en-carrega, com as suas pincelladas de phan-tasista, de fazer as mais extravagantes e rendilhadas decorações.

O mar, aquietado, sereno, está de um verde glauco activo e salgado, con-vitando a viajar, e, sobre elle, navios ba-louçantes, embarcações, soltas como aves, de delicadas fórmãs artisticas, com affi-nidades abstractas de certas linhas fugi-

dias de um perfil de mulher, conservam então, como lenços de adeuses, as suas velas brancas estendidas, os seus pannos a seccar da chuva da manhã.

Balançam-se um pouco, n'uma cadencia harmonica, n'um rhythmo musical, com os altos mastros erguidos para o céo em posição de vigia.

E, assim, com os mastros e as velas, na agglomeração das adriças e dos cabos, os navios fazem vagamente lembrar, na calma da tarde, enormes e estranhas plantas de ornamentação.

Ao fundo, na recortada e esfuminhada linha das montanhas, uma queimada faz evolar para os ares o seu azulado penacho de fumo.

E, no meio da pittoresca delicia da marinha alegre e lavada, de um acre sabor de azote, uma ou outra gaivota esvoáça, além, n'um vô incisivo, rápido, ou pousa junto aos lichens ou junto ás algas, mergulhando e roçando na vitrea

vaga a nevada plumagem de arminho.

Então, de toda a paizagem, larga, aberta, revigorativa e cheia de um grande ar primitivo de virilidade, vem um sôpro intenso, confortador e pagão de Heroísmo e de Mocidade, fazendo inflar o peito, e um sentimento anhelante e virgem de pesca, no bravo Mar Alto, entre tropicalismos primaveraes de sóes sangrentos e de dias azues, sobre as rasgadas ondas murmurejosas.

---



## Esmeralda

No fundo verde da téla avulta em claro uma Cabeça macilenta, dolorosa, como que envôlta n'um albornoz branco.

Tóques da mesma côr garça põem-lhe leves nuances nos cabellos, nos olhos scysmativos, anhelantes, que têm a expressão de um desejo nomade...

Desse chromatismo de tons verdes idealizou o artista o nome da sua viva cabeça imaginaria — que parece uma dessas physionomias raras que só naturas especiaes sabem distinguir e amar, uma dessas cabeças de mulheres singulares que a dolencia da paixão enervante calcinou e turvou de dôres.

9 Do gólpe rubro da bocca escapa-lhe um sentimento de amargor, que a travo-risa e acidúla, como se um acre veneno ardente lhe estivesse sangrando os labios.

E essa bocca, assim em gólpe rubro, purpurejada por um vinho secreto de illusão antiga, destacando alacre no pallôr do rosto frio, como que excita aos beijos, turbilhões de beijos como de chammas...

E descendo da bocca aos seios alvos de lua, a imaginação vae phantasiosamente compondo todo o corpo de Esmeralda e despindo-o á proporção que o vae compondo, despindo-o e gosando a carne côr de papoula.

E, as tintas, na téla, vivendo da impressionabilidade artistica que um pincel de mão original e nervosa lhes infiltrou, como que exprimem, no còlorido e no ideal da contemplativa Cabeça, a emoção vaga, aérea, de alguma formosa e amada Esmeralda virgem, perdida e morta d'entre as verdes pedrarias do Mar solemne...

---



## Fidalgo

Pé esguio, fino, leve, a Mephistopheles, para galgar, não já a Roma pomposa e purpurea, enflorada em glórias; nem mesmo já até a Grécia estóica, de ouro e de marmore; mas para supremamente galgar as regiões infinitas e virgens da deslumbrante Originalidade.

Colorido de graça, madrigalesco e maravilhoso, a luva negra vestindo a mão real de loiro e phantasioso Excentrista, a face meditadora e branca voltada para as Estrellas, d'onde surgiriam as leis transcendentes da Arte, penetrarias os pórticos sumptuosos de palacios d'esmeralda

e saphyra, subindo por escadarias de prata e pérola.

E, prodigiosamente, em sedas e ouros de luz, ahí te perpetuarias nos Azues immortaes da Eternidade, onde o Espirito deve ter, não a claridade coruscante e clarinante do Sol, mas o brilho de paz, de incomparavel repouso são da Lua solemne e somnolenta.

A tua Obra, vasta e fecundadora, seria então singularmente traçada em pannos mais largos que os de tendas de desertos e mais alvos ainda do que as neves immaculadas.

Com um fio d'astro cinzelarias, darias esmaltes indeleveis e marchetarias idéas, como um tecido d'estrellas, lyriaes e sideraes.

E para que a correcção inteira, a harmonia perfeita irradiasse na Obra, em luz mais clara, um passaro estranho, verde, côr de braza, branco, azul, con-

forme o tom do teu Ideal, cantaria, gorgearia em ruflagens d'aza ao alto da tua nobre cabeça fidalga, como que para te rhythmmar as idéas.

E tu, como um deus mythico, afinarias pelo rhythmmo ineffavel do canto os pensamentos delicados da grande Obra, até produzires n'ella a harmonia, a côr, o aroma.

Musicas excélsas e tristes, como uma combinação de rôxo e azul profundo, dariam frémitos, vibrações ás tuas paginas, que ficariam vivendo como o Som, perpetuamente.

Bonzos, Manitús, não gralhariam e grasnariam jámais em torno do teu ser abstracto e tranquillo, feito para florir, cantar e resplandescer.

Como as pérolas guardadas em cofre do Oriente, envôltas em areia do Mar Vermelho, para não perderem o raro esplendor, a tua Obra, coroada pelas rosas triumphaes da Originalidade, ficaria

afinal, ó Fidalgo da Arte! envôlta nos  
mysterios do Sol, egrégiamente cantando  
e chammejando, na hellenica resplandes-  
cencia da Fórma.

---



1

## Angelus

Um sol em sangue alastra, mancha prodigiosamente o luxuoso e largo damasco do Firmamento.

Opulentos, riquísimos esplendores de purpuras luminosas dão uma gloria sideral á tarde.

’E, pela suggestão cultural, quasi religiosa da hora, os deslumbrantes effeitos escarlates do grande astro que desce, d’envolta com douramentos faustosos fazem lembrar a magnificencia romana, a ritual magestade dos Papas, um festivo desfilhar catholico de bispos e cardeaes, atravez dos resplandescentes vitraes do

Vaticano, com os báculos e as mitras altas, sob os pallios auri-lavrados.

Embalsamam a tarde aromas frescos, são, purificadores, como que emanados da saude, das virgindades eternas.

Um ar olympico, talvez o sopro vital de mares verdes e gregos, etherifica harmoniosamente a curva das montanhas, ao longe, contórna-as, recórta-as, dá-lhes a nitidez, o esmalte do aço.

Como que a Natureza, nesse esmaecer do dia, tem mocidades immortaes e como que as forças, as origens fecundas da terra, desabrocham em rosas.

O rubente esplendor solar gradativamente smórza n'um côm de rosa leve, de velludosa suavidade.

Serenamente, lentamente, uma pulverisação neblinosa désce das amplidões infinitas...

Névoas crepusculares envólvem afinal a immensidade, no recolhimento, na paz dos ascetérios.

Os campos, as terras da lavoura, a vegetação dos valles e das collinas adormecem além, repousam n'um fluido noctambulismo...

Por estradas agrestes pacificadas na bruma, uma voz de mulher, dispérsa no silencio, clara e sonóra, canta amorosamente para as estrellas que aflóram rútilas e mudas.

Canta para as estrellas! e parece que a sua voz, errante na vastidão infinita, vae inundada do mesmo perfume original que a alma viçosa e branda dos vegetaes exhala na Noite...

---





## Nubia

Amar essa Nubia — vê-la entre véos translucidos e florentes grinaldas, Noiva hesitante . anciosa, tremula , têt-a nos braços como n'um thá-lamo puro, por entre epithalamios ; sentir-lhe a chamma dos beijos, bocca contra bocca, nervosamente—certo que é, para um sentimento d'Arte, amar espiritualmente e carnalmente amar.

Belleza prodigiosa de olhos como pérolas negras refulgindo no tenebroso setim do rosto fino ; labios mádidos, tintos a sulpherino ; dentes de esmalte claro ; busto delicado, áiroso, talhado em relêvo de bronze florentino, a Nubia lembra,

exquisita e rara, esse lindo ambar negro, azeviche da Islandia.

O seu sangue quente, accêso em purpuras de luxuria, atravez da pelle sombria e velludosa, recórda avermelhamentos de aurora d'entre uma penumbra de noite, como o deslumbramento boreal das regiões polares...

No emtanto, amar essa carne deliciosa de Nubia, anciar por possuil-a, não constitue jámais sensação exótica, excentricidade, fetichismo, aspiração de um ideal abstruso e triste, goso ephemero, afinal, de naturezas amorphas e doentias.

Sentil-a como um desejo que domina e arrasta, querêl-a no affecto, para fecundal-o e floril-o, como uma semente d'ouro germinando em terreno fértil, é querer possuil-a para a Arte, têl-a como uma pagina viva, vehemente, dá paixão humana, vibrando e cantando o amor impulsivo e franco, natural, expontaneo, como a obra d'arte deve vibrar e cantar expontaneamente.

Crescida, desenvôlta aos poucos no meio culto, entre relações de *sympathia* intelligente e harmônica, sob um sol saudavel de cuidados, de apuro de tratos e de maneiras, que tornou mais leve e penetrante, illuminando, o seu cerebro simples, de ignorancia ingenua, a Nubia abriu em flôr de caricia, alvorou com a doce meiguice dos typos galantes e preclaros de mulher e recebeu tambem, em linhas de conjuncto, do mesmo meio onde desabrochou, essa suavidade e graça núbil que é todo o encanto vaporoso, aéreo, do ser feminino.

No seu rosto oval, de uma pennugem sedosa de fructo sazonado, ha, por vezes, certa expressão de melancholia, de *scysma* dolorosa, que punge e contrista; o tenue, já quasi apagado raio errante de uma lembrança vaga,—como se Ella de repente parasse na existencia e se sentisse no vácuo, perdida e só nos caminhos desolados, desertos, de onde veio outr'ora,

sem leito e em lagrimas, a caravana gemente da sua raça...

Então, nesses momentos em que um dolorimento secréto, mysterioso, a conturba e magôa, Ella parece serena divindade aureolada de martyrios, macerada de prantos; e é talvez bem pequeno, bem frágil todo o amor do mundo para proteger, para amparar, como que n'uma redôma sagrada de Misericordia, essa humilde creatura que o fatalismo das forças phenomenaes da Natureza condemnou á indifferença gelada e á desdenhosa ironia das castas poderosas e cultas.

Assim, adoral-a em compuncção affectiva, trazel-a no coração como reliquia rara n'um relicario estranho, claro é que não significa banal emoção transitoria, que o rude desdem da analyse fria, póde, apenas com um gólpe brusco, extinguir para sempre.

Essa emoção, esse amor, cada vez mais profundo e espiritualisante, penetra im-

petuoso no sangue como a luz e o ar, deliciando e ao mesmo tempo affligindo como a Idéa e a Fórma igualmente delicia e afflige...

E, nem mesmo, no fundo intimo de qualquer ser tocado de uma intuição maravilhosa da origem terrestre da felicidade, pôdem resplandescer, mais do que a Nubia, as bellezas de neve da Escossia e da Irlanda ou as formosuras originaes e flagrantes da Armenia e da Circassia.

Tudo ella possui de luminoso e perfeito, como a noite possui as Estrellas e a Lua, visto e sentido tudo atravez da harmonia espirital, da alta comprehensão requintada e subjectiva de quem a ama e deseja.

A sua alma, de fórma singélla e branca de hostia, tem rhythmos de bondade infinita, meigas claridades brandas e consoladôras de piedade e entermecimento, e a sua voz sonorizada, com a vivacidade nervosa e o alado timbre argentino,

claro e fresco, de um gorgeiante crystal de passaro, derrama por toda a parte a musica emocionante, suggestiva e curiosa, de violino afinado...

E nenhum peito dedicado de nobre dama medieval nobiliarchica será mais gentil e dedicado que o seu peito, d'onde jórra, com firmeza e força, em onda original, talvez manado dessa simpleza de obscuridade, um ineffavel sentimento verdadeiro e virgem como o tenro bróto verde dos arbustos.

Ella é a Nubia-Noiva, singular e formosa, amada com religioso fervôr artistico, com a fé suprema, a uncção ritual dos evangeliarios do Pensamento; e todo esse feminino ser precioso bróta agora em exuberancias de affecto, em pompa germinal de extremos lascivos, florésce em rosas juvenis e póllinicas de puberdade, abertas sexualmente nos seios pun-donorosos e pulchros...

---



## Som

Trago todas as vibrações da rua, por um dia de sol, quando uma electrica corrente de movimento circula no ar...

Mas, de todas as vibrações recolhidas, só me ficou, vivendo a musica do som no ouvido deliciado, a canção da tua voz, que eu no ouvido guardo, para sempre conservo, como um diamante dentro de um relicario de ouro.

Cá está, cá a sinto harmonizar, alastrar em som o meu corpo todo, como flexuosa serpente ideal, a tua clara voz de philtro luminoso, magnetica, dormente como um opio...

Muitas vezes, pór noite em que as es-

trellas marchétam o céo, tenho pulsado á sensação de notas errantes, de vãos sons que as aragens trazem.

As fundas melancolias que as estrellas e a noite fazem descer pelo meu ser, da amplidão silenciosa do firmamento, dão-me á alma abstractas suavidades, vaporosos fluidos, symphonias solemnes, mysticismos, ondas immensas de inaudita sonoridade.

E, calado, na magestade sombria da Natureza, como n'um religioso recolhimento de cella, vou ouvindo, esparsos na vastidão, smorzando nos longes, entre redondos tufos escuros de folhagem, onde se occulta alguma luxuosa existencia de mulher, inebriantes sons de peregrinas vozes ou de invisiveis instrumentos.

E os sons chegam, vêm até mim, na estrellada tranquillidade da noite, frescos e finos, como atravez de rios claros que nevassem ou de vagas emballadoras que o frio luar prateasse.

E eu penso, então, nessas sympathicas, correctas attitudes e expressões da musica.

Vejo, na nitidez de crystal do pensamento, a harpa, sonóra aza de ouro, com as córdas tensas, dedilhada por brancas mãos aristocraticas que arrancam della frémitos, soluçantes dolencias, plangencias incomparaveis.

Escuto a pompa, a imponencia sonorisante de um orgão de cathedral, quando, pelas altas naves, sobem rolos alvos de incenso, e, o sol, fóra, com as flechas dos raios, constella de astros microscopicos as pólicas e gothicas vidraçarias.

Ou, presinto ainda, n'um fidalgo salão do tom, onde os perfis ostentam valorosidades de linhas ducaes e a luva impera galantemente, a assignalada elegancia dos concertos da graça, quando, os violinos, zurzinando notas que esvoaçam do arco rezinado ás cordas retezadas, zumbindo e ruflantemente, prendem-se á voz que

resplende, triumphá na sala, sonorizando-a e illuminando-a mais que os fulgidos lustres e os candelabros facetados, como se, da garganta de quem cantasse, a aurora alvorecesse e vibrasse.

E cuida logo ver uma mulher — alta, belleza grega, fórmas esculpturaes primorosamente cinzeladas.

A cabeça, de uma discreta severidade de deusa, pouza-lhe no rico, abundante torso inteiriço do corpo forte.

Ha uns meigos tons louros no avelludado cabello que, por entre a luz, mais louro e avelludado brilha.

De pé, erecta, o perfil nitidamente marcado, no meio da cauda astral da veste de seda rara, ella desprende, evóla a voz da garganta de aço novo e essa espiral de voz revolutêa no salão, fica algum tempo aquecendo e sonorizando o ar...

Como um astro, essa voz flammeja, palpita e gyra na illuminada orbita da

sala cheia da multidão que a escuta, e, como um astro, cahe, fulgurando, semelhante a exalações meteoricas, no fundo do meu ser como n'um golfo...

Nobrememente, pela cadencia do canto, o corpo da imaginaria mulher tem certas flexões delicadas e electrismos de gata voluptuosa, e o seio, fremente da melodia que o emociona, se afervóra e pulsa.

E a voz ala-sé, ala-se, gorgeada, arru-lhante, trinada, ave de luz harmoniosa que ella emfim sólta do aviario do peito.

Todos esses dulçurosissimos effeitos musicaes me impressionam singularmente, distribuindo por mim a mais aguda vitalidade mental, que me tensibilisa os nervos da attenção, como se todo eu me achasse sob uma atmospherá salutar e tonificante.

Ou, então, cobrem-me tambem de opulencias, de gloriosas soberanias, as vivas forças orchestraes, onde perpassam ruidos largos de floresta, clarins, ineffaveis, mysteriosas melodias de passaros.

Mas, do som, da musica, não me exalça, não me enléva só o rhythmo leve, educado, que deixa uma suavidade acariciando, bafejando o ouvido como um perfume bafeja, acaricia o olfacto.

Ficam-me nos sentidos, nos nervos, calafrios subtis, ligeiros narcotismos, pequeninas vibrações que, não sei de que rútila chamma, parecem faiscar...

E coméço, após um engolfamento de sons profundos, a ter penetrabilidades intensas, estranhas emoções que me disper-tam infinita série de factos já gelados no tempo, como passadas phases de lua.

Evidenciam-se-me idéas, impressões, suggestões curiosas, certos obscuros estados mórbidos da alma, que em vão a espiritualidade humana tenta transplantar para os livros, mas que só o rhythmo aviventa, levanta aos poucos da nebulosa das existencias, como um sol sempre amado, mas já antigo, já velho, remotamente apagado nos sentimentos...

---



## Gata

De neve, de uma maciez de arminho e lactescencia de neve, de uma nervosidade frenética, era luxuosa, principesca, de certo, essa orgulhosa gata.

As esmeraldas dos seus olhos claros phosphoreavam sensualmente, electricamente, quando alguém, no conforto da casa, lhe acarinhava de manso o dorso, o focinho tenro, polposo, espigilhado de prateados fios subtis; e, no seu lindo pello setinoso e alvo, como n'uma fresca e virginal epiderme de mulher aristocrata, perpassava um *frisson* de ternura, um estremecimento, como se em toda ella

vibrasse alguma fibra de espiritual e amoroso.

E era então fidalga nas sensações, no ronronar apaixonado, ao luar, sob o scintillante crystal das estrellas, pelas caladas vastidões da noite, ou, nas horas de sésta, nos quentes, enlanguescedores mormaços, preguiçosa e fatigada, anhelando o repouso, n'uma onda de goso e volupia, enroscada, serpenteada, torcicolosa e convulsa, como um organismo suave e débil que um vivo azougue electriza e agita.

Talvez fosse a alma de alguma vaporosa rainha que alli vivesse nesse precioso animal, alguma mysteriosa visão polar dentro daquelle feltro branco, daquelle pellucia rica, daquelles flócos slavos; algum sonho, enfim, errante, vago, perdido nesse nobre exemplar felino de fórmas lascivas, flexuosas e delicadas.

A's vezes, mesmo, ella errava, como a nomade que perde a róta da caravana pelos desertos escaldados de sol, em

busca de alimento; e os seus olhos, penetrantes no verde humido e agudó das luminosas pupillas, mais até phantasiosa a tornavam e mais nevoeiro davam á sua lenda de fadas.

É assim, arminho girante, que as quatro velludas patas faziam fidalgamente caminhar, miando hysterica, era como uma somnambula idealisada e amante que soluçava e gemia implorativamente a sua dôr, atravez de aposentos, na indifferença de quasi todos.

Um dia, porém, uma doce mão fêmina é perfumada quiz tê-la junto de si e levou-a comsigo para a tepidez e a pompa das alcovas cheirosas, vivendo com ella ao collo, passando-lhe os intimos alvoços do seu sangue de Virgem—como se a gata fosse um profundo seio de affagos a que ella confiasse todos os seus mysterios e segredos de Noiva ainda presa no claustro cerrado, como as monjas normandas, da carne inquietante e allucinadora.

Agora, com a formosa sêda do pello vibrando á caricia, alta e feliz a cabeça artistica, vive nesse collo impolluto, em sonhos deliciosos e gosos infinitos de orientalista, o bello exemplar felino, branco, voluptuoso e dolente como a lua emballada e scysmando, immaculadamente, no seio azul das Esphas.

---



## Dias tristes

Apezar do sol, que immensa tristeza para certos seres, que dias tristes, esses, de uma melancolia e dolorosa névoa...

Os ruidos todos, o esplendor da luz, convergindo em fóco para o coração, deslumbram, fascinam de modo tal e tão profundamente, que o abatem, infiltrando-lhe essa tristeza infinita que se não define e que está, como um fundo de morbidez, nas almas contemplativas e nomades, que vão armar a sua tenda nas desconhecidas e longinhas paragens abstractas do Pensamento.

Dias tristes, muita vez, os dias de sol.  
Mergulhado o espirito na onda pro-

funda de desejos irresistíveis, como n'uma intensa e luxuriosa paixão, os aspectos que se lhe manifestam na Natureza são amargos, atravessados dessa pungencia afflictiva, dessa magoante desolação e atormentadora ironia que ha na essencia de todas as cousas e idéas.

E, como o pensar dá uma grande tristeza, põe no cerebro uma incomparavel tortura, o Pensamento, á evidencia da luz, na alegria do sol, deixa-se possuir de um nervosismo triste, de um meio luar turvo e tragico de impressões agudas, dilacerantes.

Os dias tristes, para raras naturezas intellectuaes, são quasi sempre os dias triumphantemente alegres, sonorizados de passaros, quando ha uma alta irradiação no ar, um repouso, uma paz feliz em toda a vegetação e que o sol, n'uma victoria astral, vae como um deus pagão, em festins de luz...

Como que philtros de dolorimento

partem de todas essas luminosidades, todo esse fulgor solar verte uma nostalgia cruciante, que fere e fende o peito, incisivamente, como as flechas lethalmente envenenadas dos hindús.

Quanto a mim, amargamente sinto esses dias tristes.

A' larga luz de um templo vasto, na sumptuosidade de uma festa catholica, quando pela infinidade de rutilantes lustres accesos ha facetas de estrellas, iris fulgurantes e pelos douramentos dos altares borboleteiam faiscas, accendem-se chammas nas velas amarelladas, e vozes flébeis, n'uma compuncção religiosa, sobem para as naves com a vaporosidade dos brancos incensos, d'entre musicas festivas, — um angustioso aneio me insufla, me enche infinitamente o peito.

E, batido de uma pungencia, vibrado de uma recordação, alanceado por uma idéa, subitamente, para logo, toda a apparente radiação de alegria foge e eu

me vejo então dentro dos meus dias tristes e que alguém, dos longes do Passado, acena-me, ou com um lenço amoroso, para as reconditas e virgens emoções do coração, ou com uma bandeira de combate, para as impulsivas faculdades do cerebro.

Se um riso me aflóra aos labios, nervosamente; se uma verve satanica os inflamma; se uma esfusiante satyra os electrisa, é ainda assim uma maneira de ser triste, apunhalante sarcasmo ás tempestades mentaes que se dão por dentro, — humorismo doente, que para se convencer de que é alegre e de que é são, flori em rosas de riso, abre em Via-Lactea de riso.

O esplendor das salas illuminadas, na abundancia de crystaes e flôres, entre auroras de mulheres e luxuosas roupagens, dá-me tambem, a pouco e pouco, um abatimento, um afrouxamento aos nervos e d'ahi nasce-me logo, como uma

tentaculosa planta negra e de morte, essa indescritivel tristeza, que é a feição ingénita de tudo, que cúbre tudo como que de uma neblina crepuscular sensibilisante...

Assim, tambem, ao almoço, pelas claras manhans, quando a toalha branca da mesa, as flores das jarras, o pão, o vinho, a attitude correcta das pessoas, a limpidez sympathica da hora, fazem lembrar resplandescencias, alvuras castas, paramentações de altar para a evangelica celebração da Missa, um sentimento de inexplicavel tristeza me invade, nascido de toda essa disposição harmoniosa de objectos e de pessoas. E, abstractamente, como n'um nebuloso sonho, durante toda a alimentação desenróla-se lenta, vagarosa e fluida no meu ser, uma surdina oceanica que parece estar, na plangencia de sons abafados, lembrando todas as abundantes fontes de affecto que para mim já para sempre seccaram,

todos os astros prodigiosos de enternecedor carinho que para mim já eternamente se apagaram.

Mas, esses dias tristes, as horas, os momentos desses nevoeiros d'alma, tão densos, tão cerrados, nascem apenas de uma Visão que se adóra, que nos abre ineffavelmente os braços, que o espirito ama no seu recolhimento, na sua cella sombria e muda! essa Visão seraphica, nervosa, hysterica, ideal — a Santa The-reza mystica da Arte.

---



## Paizagem de luar

Na nitidez do ar frio, de finas vibrações de crystal, as estrellas crepitam...

Hã um rendilhamento, uma lavoragem de pedrarias claras, em fios subteis de scintillações palpitantes, na alva estrada esmaltada da Via-Lactea.

Uma serenidade de maio adormecido entre frouxeis de verdura cae do veludo do firmamento, torna a noite mais solitaria e profunda.

O Mar, pontilhado dos astros, faisca, phosphoresce e rutila, agitando o dorso glauco.

E, de leve, de manso, um clarão branco, languido, livido, vem subindo

dos montes, escorrendo fluido nas folhagens, que prateiam-se logo, como si fabuloso artista invisivel as prateasse e as polisse.

A lua cheia transborda em rio de neve na paizagem, e, no mar, ha pouco apenas fagulhante da iriação das estrelas, a lua jorra do alto.

Por elle a fóra, pelo vasto mar espelhado, pequenas embarcações se destacam agora, aligeras, lépidas, á pesca da noite, velas brancas serenas, sob a constellação dos espaços.

A agua repercute, na amorosa solidão do luar, a barcarola sonóra dos pescadores, que, de entre a glacial amplidão da agua, mais fresca e sonóra, vibra.

Um aspecto de natureza verde, virgem, que repousa, estende-se nos longes, desce aos prados, sóbe ás montanhas e infinitamente espalha-se nas mudas praias alvejantes.

E, á proporção que a lua mais vae

subindo o páramo, á proporção que ella mais galga a altura, mais as pequenas embarcações de pesca avançam nas vagas resplandescentes, com as azas das velas abertas á salitrosa emanação marinha.

Com o brilho fúlgido, accêso, d'esmeralda facetada, uma estrélla parece peregrinamente acompanhar de perto a lua, n'um rhythmo harmonioso.

Perfumes salutaes, tonificantes effluvios exhalam-se da frescura nova, immaculada dos campos, como d'um viçoso e casto florir de magnolias, na volupia da natureza adormecida n'uma alvura de linhos, d'entre opulencias de Noivados.

---





## Artista Sacro

Na cathedral, com toda a pòmpa da liturgia, celébra-se a Semana Santa.

Pela Resurreição, ás quatro horas da manhã, ha na igreja um ar vago de alvorada, em amarello cydrento, trazido da rua pela larga e polida vidraçaria que se consérva aberta — ar menos vago, comtudo, do que a névoa que turva fóra os aspectos, em virtude dos lustres accêsos, da variada profusão de luzes e da gala sagrada que enche de resplandescencias e solemnidades toda a extensa Nave onde os devotados catholicos murmurejam n'um crescendo de mar tormentoso e cavado.

O Altar-Mór está vistosamente ornado, deslumbrante, viçando de flores collocadas em jarras azues e douradas, n'uma frescura e colorido chromatico de jardim, rodeado de grandes tocheiros arabescados que faiscam, flammejam com chamas ensangentadas e amarellas.

Em cima, até onde os olhos sóbem mais, n'um throno de luzes, entre uma pesada cortina de damasco vermelho, de tons profundos, cahida para os lados em prégas longas e largas, vê-se o Christo, na allegoria de Redivivo, com a chaga symbolica no flanco direito, tendo n'uma das mãos um ramo verde.

Nos altares lateraes os Santos como que ainda móstram possuir a auréola triumphal da Alleluia, sorrindo seraphicamente, quér os martyres, quér os gloriosos.

Pelo tecto abobadado, d'entre as melifluas harmonias, as melancholicas sonoridades dos violinos, das flautas, dos vio-

loncellos e do órgão pianissimo, echôam magestosas as vozes que irrompem do cõro, beatificas, no *Kirie Eleison*.

Os sacerdotes, festivamente paramentados, com as suas casúlas custosas, relampejantes, bordadas a flores de ouro, em alto relêvo; de estólas rutilantes e franjadas, pendidas no braço ou com as sobrepellizes alvas e rendadas destacando forte na batina preta, curvam-se genufléxos diante do Altar-Mór, erguendo-se apoz com mesuras graves e medidas, enquanto os acólytos, ao fundo, em linha e reverentes, fazem balançar, cadenciada e rhythmadamente, thuribulos lavorados, de onde se exhalam espiralados incensos.

E o Ceremonial proségue, na minúcia exacta, escrupulosa, do Rito romano.

Mas, nas sumptuosidades da festa, resalta de magnificencias, esmaltadamente, um esbélto sacerdote novo e formoso

talhado em estatua branca, e que érgue no meio das outras vozes, a sua clara voz sonóra cheia de unccção religiosa como de um sentimento amoroso e carnal.

Chegado ha pouco de Roma é essa a primeira cerimonia de mais estylo em que toma parte com o seu typo amavel, doce e misericordioso, amantissimo, de São Luiz Gonzaga.

A sua linda cabeça suave, direita, correcta, atravez da vaporosidade incensal, domina pela saude e pela mocidade, que resplende no rosto liso, escanhoado, onde os olhos brilham com raios mysticos...

O seu porte ornamental, que parece affirmar o poder de uma força divina, conserva-se aprumado, erecto; e, quando a voz se lhe desprende unctuosa dos labios, como que elle paira n'um resplendor espiritual, vaga n'um nimbo ethereo, cercado por alas de cherubins ineffaveis e de archanjos de azas fulgentes...

De toda essa pessoa clerical como que vem fluidos magnéticos, que fascinam e prendem certos olhares juvenis femininos, que a séguem, que a buscam em todas as direcções, em todos os movimentos, soffregamente, deliciados da sua prodigiosa figura que alli n'aquelle recinto sagrado tão imperiosamente e tão alto se destaca, como que revestida de poderes celestes.

E o sacerdote instinctivamente percebe os extases, os enlêvos que dispërta nas mulheres bellas, porque dá então mais nitidez ás medidas, requinta nas curvaturas sollemnes, fica mais excélso e egrégio ainda, deixando escapar com brandura um sorriso paradisiaco, que é talvez a promessa sacrosanta dos dons maravilhosos, das graças, do Perdão infinito que a sua omnipotencia conségue.

Nas suas mãos aristocraticas, delicadas e niveas como hostia, sente-se, quando elle as élva no *rhythm*o do Ceremonial,

um ligeiro estremecimento amoroso, que o embaraça, fazendo com que logo, para apagar essa impressão peccadôra, exaggera o Rito, affectadamente.

Os olhares femininos, deslumbrados pelo exito d'aquellas maneiras evangélicas, não deixam jámais de seguir o airoso sacerdote, as linhas harmoniosas da sua figura, o seu másculo vigôr de deus viril e victorioso, como séguem, no circo, os movimentos ágeis, ducteis, e a plastica, firme e forte, dos corpos cinzelados de acrobatas celebres e attrahentes...

Realmente, na sua carne, que os incensos perfumam, circúla o sangue em labaréda de instinctos sexuaes e a sua cabeça primaveril, que a Arte da Religião abençoou em Roma, tem o encanto, a fascinação diabolica, satanica, da venenosa cabeça da Serpe biblica.

Mas, o decorativo apostolo, resplandecendo nas vestes talaes, imponente, magistral, faz symbolicamente lembrar, assim

venerado pelas mulheres, com fervor beatifico, um Sultão em palacios, no Bosphoro, como Abdul-Azid, amado por odaliscas e sultanas.

De vez em quando, no templo, passam fios ethereos de harmonias de instrumentos e canticos, que ondulam, que fluctuam no ar...

E o Ecclesiastico, n'uma volupia sacra, com toda essa Arte ritual de symbolos, de missaes, de eucharistias, de pallios, de pedras de ara, de corporaes, de ambuladas de santos oleos, de chamalotes, lavrados e damascos, iris, lhamas de prata e ouro, recebe a opulencia, o brilho feérico, o luminoso esplendor de um astro.

De lá, do seu sólio real de apparatusos effeitos, entre sêdas, chammas e pedrarias, elle rége, com renomes episcopaes, solemne e sereno, a symphonia das eternas Dulias.

É o atheniense das fórmias catholicas.

romanas, triumphando no idealismo de um gothico, de um medieval, atravez de cinzeluras de templos, com refulgencias sideraes de constellado...

Casto cenóbite, recluso nas células do Christianismo, ficará, talvez, para sempre, com enlanguescimentos hystéricos, ná muda contemplação das scysmadôras Imagens lyriaes dos agiologios.

Ou, batido das realidades carnaes, sentindo a avidez das paixões terrestres, verá passar, ante os olhos mortificados na marmorea veneração de Jesus, á luz de cyrios ou de lampadas, violentamente, a visão côm de rosa das virgens vitaes— fina, transparente epidérme da gaze auroral das papoulas.

Então, dirá de certo ao mundo, extasiado por essas vivas expressões carnaes que o transfiguram e humanisam, todos os mysterios, todos os inauditos clarões da Eternidade, que Elle, Artista Sacro, tran-

scendentalmente conhece, lendo sempre, para dar mais abstracção ao Miraculoso, os archaicos latins apocalypticos e anti-phónicos...

---





## Visões

N'um brilho scintillante de tiara pérsa.  
a Via-Lactea encurva-se do alto por sobre  
mim, nas alvas flôres crystalinas das suas  
estrellas.

Encurva-se por sobre mim na pompa  
negra da noite densa, vagamente lem-  
brando o luminoso esplendor de uns  
olhos d'entre a pompa negra de aro-  
mados cabellos.

Como em arejados páteos claros de  
castellos rhenanos desfillassem visões  
germanicas, willis enamoradas e vapo-  
rosas, sylphides serenas e encantadôras,  
ao luar das balladas, de cada estrella  
frigida, branca, desfilla, vae desfillando.

nas rutilantes esphéras uma Illusão e um Sonho e cada Sonho e cada Illusão se corporifica, toma consistencia de nervos e cinzelada esculptura de linhas e eis então ahi fascinadôras deslumbrantes mulheres avassallando o firmamento, como ampla Via-Lactea de corpos ondulantes e niveos...

---

Ah! mulher que eu procuro e desejo da tenda nomade da Arte, peregrina e fugidia sereia! que as harmonias deliciosas da tua carne não sejam, como são, mysteriosas para mim como a Via-Lactea, a cujas estrellas, que representam cada uma uma Illusão e um Sonho, está infinitamente presa, n'um amoroso electrismo, esta alma ardente, alanceada e nervosa....

---



## A janella

Dava para o mar a larga janella verde, em frente ás aguas tambem verdes e turbilhonantes ás vezes, outras limpida-mente quiétas, n'um remanso de golfo sereno.

Velas saudosas de navios, enfunadas ao impulso das correntes aéreas; mastreações caprichosas e confusas, mysteriosamente interrogando o céo; os montes, ao fundo, formando panoramas alacres com os seus cabeços azulados e colos-saes, e a grandeza olympica das ondas fechadas pela natureza n'uma extensa área de terreno, tudo gosava e sentia além viver a janella; e, ao longe, na in-

definida barra dos horisontes esfuminhados, a linha vaga, melancolisada, das immensas distancias interminaveis...

D'um lado e d'outro da janella, subindo-a, galgando-a festivamente em caracões negligentes, a expansão, a nevrose vegetal da folhagem trepadeirante que busca em ancias o ar...

Rosas vermelhas e rosas jaldes alastravam n'uma primaveral e casta alegria radiosa de Via-Lactea, o quadrado verde da janella, emquanto amorosamente um jasmineiro florido, entrelaçado ás rosas, com flôres alvas e cheirosas desabrochadas em fórma de pequeninas estrellas, punha um encanto romantico e noival de janella de Julieta na larga janella verde que dava para o mar.

E as embarcações, os hiates, os navios, os paquetes paravam nó mar dormente e do mar dormente partiam, lá iam todos a fóra, — ambulancia marinha, dôrso de

tritões ferozes e soturnos, vogando na superfície das ondas...

Iam talvez perto: a paizês meridionaes, sob céos elegantes e azues, ou — mundo a dentro — ás eternas neves glaciaes das geleiras do Pólo: ás regiões septentrionaes das flammejantes auroras boreaes: a Islandia, a Laponia, a Noruega, por entre as frias e brancas estalactites fulgurantes da lua...

Em frente á janella eram terrenos desappropriados e planos, que um rente folhedo luxuriosamente cobria.

Depois era o mar, sempre o mar, todos os días, a toda hora, a todo o instante, cortando, no emtanto, com a monotonia do seu aspecto, a agreste monotonia d'aquelles sitios suaves.

Mas, comtudo isso, o mar, nenhuma monotonia parecia inspirar, porque dava á janella, áquelle original recanto, áquelle desconhecido retiro isolado, aberto na parede como o nicho de uma Santa, a

recordação de todo o vasto ruído atordoante e culto da vida de longe: os rumorosos cães frementes, as movimentadas cidades alegres, os grandes portos febris da effervescente effusão cosmopolita de mil exemplares de povos.

Pela manhã, apparecia á janella, como um lindo sol feminino, uma bella mulher, forte, alta, loura, de flavos cabellos, tallhada d'um golpe n'uma quente e perfumosa massa de luz e de sangue, clara da epiderme macia e clara dos rendados vestidos em fôfos e fólhos que lhe afo-gavam soberbamente a garganta bourbonica, arrematados por fitas de azul leve e doce graciosamente enlaçarotadas sobre o sedoso collo oválico.

E logo os seus olhos azues como as fitas, da mesma meiga frescura e candidez de hostia transparente, pareciam ade- jar, voar, como dous passaros inquietos e deslumbrados, pela amplidão das vagas verdes e vivas, como se ambos quizessem

n'ellas colher alguma certeza ou derramar alguma esperança.

E o seu perfil, sob o sol, alvorecido na janella, lavado nas frescas essencias salitrosas que emanavam do mar, tinha florescimentos, resplandescencias, um vivo fulgor d'ouro novo, derramando no ambiente effluvios de magnolia.

Às vezes ella deixava-se ficar por mais tempo á janella — e era então alli uma deliciosa e crystalina aria de trinados, de matutinos gorgeios de pequenas aves que por entre a viçosa verdura da janella esvoaçavam em ruflos e contentamentos d'aza, em palpitações electricas de plumagem, cantando para o espaço todo esse sonóro amor infinito dos passaros que o seu estreito larynge metallico tão maravilhosamente sabe desfolhar em notas, como se essa mulher loura fosse a corporificação da propria aurora que raiasse doirada no acanhado horisonte enquadrado na florida janella verde.

E ficava alli constantemente a olhar, a ver o mar, talvez na esperança de algum sonho de affecto que de repente lhe surgisse e cuja enamorada lembrança lhe vibrava o coração anhelante, fazendo dolentemente o seu collo arfar, agitar-se, n'uma onda nervosa de convulsão e alvoroço, inflado desse tormentoso e vago desejo irresistivel do amor, que um dia vertiginou o mundo, e que, quanto mais affastado se está de quem se adora, mais fundo, mais entranhado fére e martyrisa.

Pelas noites, quando o hostiario das estrellas abria a sua rendilhada scintillação de prata nos sidéreos espaços calmos, ou as finissimas gazes lacteas da lua fluctuavam, velando tudo, ella, virgem noiva, branca e muda como a lua, por lá ficava ainda a viajar na gondola da imaginação e phantasiosa saudade que a emocionava, atravez do mar, ao encontro sonhado do seu affecto querido.

E, tonta, magnetisada, narcotizada na emoliente voluptua da lua, na quente ex-halação dos aspectos, lá adormecidamente ficava a amar, presa na fluida teia luminosa das estrellas e da lua...

---

Agora um muro enrigecido e alto que o musgo e o limo maciamente vestem de um velludoso verde escuro de tapeçaria, veio para sempre obstar a ampla vista azotada e alegre do edificante panorama do Mar.

Para além, como um gigantesco protesto que a pedra oppuzesse ás jubilosas, triumphantes aguas marinhas, o muro vae, longo e impenetravel, estendido em panno rispido de parede socavada e cerrada, que tudo do mar avaramente encobre— levantado da terra como um brusco e bronco biombo de treva á livre expansão da luz.

Austeros homens egoistas, no intuito de edificar, apropriaram-se dos terrenos

e para alli ergueram, dividindo-os, semelhante á rija muralha d'imperecível fortaleza, esse immenso muro empedernido, rochoso, como que feito de um só blóco inteiriço de calcarea materia rude.

Então, sem a perspectiva da alacridade victoriosa e bizarra das ondas, sem aquella vastidão consoladora, salutar, das aguas salgadas, e sem a visão branca dessa mulher, vive agora quasi sempre fechada, triste e fria, a reluzente vidraça clara eternamente descida, na meia sombra crepuscular da persiana, a idealisada janella verde — a florejante janella que abria, como um desejo vago, para o Mar infinito...



## Umbra

Vólto da rua.

Noite glacial e melancholica.

Não ha nem a mais leve nitidez de aspectos, porque nem a lua, nem as estrellas, ao menos, fúlgem no firmamento.

Ha apenas uma noite escura, cerrada, que lembra o mysterio.

Faz frio...

Cae uma chuva miuda e persistente, como fina prata fôscas moida e esfarellada do alto...

Á turva luz oscillante dos lampeões de petróleo, em linha, dando á noite lugubres pavôres de enterros, vê-se fundas

e extensas vallas cavadas de fresco, onde alguns homens asperos, rudes, com o tom soturno dos mineiros, andam collocando largos tubos de barro para o encanamento das aguas da cidade.

A terra, em torno dos formidaveis ventres abertos, revôlta e calcárea, com immensa quantidade de pedras brutas sobrepostas, dá idéa da derrocada de terrenos abalados por bruscas convulsões subterraneas.

Instinctivamente, diante dessas enormes boccas escancaradas na treva, alli, na rigidez do sólo, sentindo na espinha dórsoal, como n'uma técla electrica onde se calca de repente a mão, um desconhecido tremor nervoso, que impressiona e géla, pensa-se fatalmente na Morte...

---



## Modos de Ser

Com uma nobre emoção da Arte dizia Balzac que faltariam sempre cordas á lyra de uma alma que nunca tivesse visto o Mar.

Na verdade, sem o Mar, sem esse organismo vivo, movimentado, vibrante, as perspectivas como que são indecisas, vagas, a retina pouco se desenvolve e educa sem essa larga vastidão das ondas, de onde parece subir, nascer para o alto, como uma luz original, todo o sentimento inductivo das cousas.

Diante do Mar, á sua influencia vital; que é a influencia da força, do vigor do pensamento, as faculdades de cada um

recebem impressões estheticas muito consideraveis, ampliando o seu modo de ser, dando-lhe a suggestão das latitudes geographicas, correspondentes tambem, para um espirito de inducção e deducção fina e atilada, á amplidão das idéas.

Gosar o Mar é viver, sentir a efflorescencia da carne, crer n'algum poder forte e épico que nos encorage, dê ao pulso e ao cerebro essa poderosa segurança de existir que levanta sobre rijos alicerces os principios e crenças de cada homem.

Do Mar vem essa emanação virginal, salutar, que traz o impulso ás acções, o vigôr nobre á vontade, dando a todo o organismo uma função especial, uma actividade propria, uma determinação expressivista da Natureza.

Os effeitos maravilhosos que a *visão* recebe do Mar, como uma machina photographica recebe nitidamente as physiognomias, desenvolvem-se nos temperamen-

tos artisticos em impressões, em *nuances*, em colorações, em estylos, em linhas, em subtilezas de percepção, em ductilidades, em fiorituras de imagens, em abundantes flóras de imaginação, tão multiplas e luminosas quantas são as infinidades de ilhas verdes de algas e de sargaço que o Mar contém no seu seio.

Elle infiltra nos órgãos emocionaes e pensantes todo um exuberante electrismo nervoso, todo um fluido de luz e originalidade, uma essencia, um germen rico e novo de graça e phantasia alada.

Fica-se n'uma saudavel impressão e frescura radiante de caça e pesca, n'uma alegria de sol undiflavando rouparias brancas e finas.



Serenidade de Campo e Mar é esta em que estou agora.

Campo fertil, verde, como se agora mesmo brotassè, em flor, da terra.

Nas manhãs claras, de grande magestade de sol, pelos domingos, a missa da capella branca convida a digressar entre arvores, sob o festivo e claro repique do sino.

E, por estar no campo, n'uma extensão de relva, de verdurosas alfombras, lembro-me vivamente do campo das paradas, ao sol, n'um espelhar faiscante de bayonetas, rutilar de fardas e triumphal desfraldamento de bandeiras, quando, immensas, pesadas massas marciaes, na evolução de um corpo disciplinar, agitam-se, n'um tinir e scintillar de metaes, como enorme serpente de coruscantes-escamas.

Com o espirito livre, em aza aberta, eu procuro arrancar das vozes mudas, inexprimiveis da Natureza, significações.

Campo e Mar estendem-se até longe, ao infinito horizonte, fulgurando ás luxuosissimas sedas do sol.

Elevados comoros de areias alvas, ao

longo das praias, conservam a apparenciã de grandes dorsos de elephantes brancos deitados.

Então, um rythmo me sóbe da alma ao cerebro para me afinar os pensamentos em aspectos felizes, luminosos, como quando os allemães, fumando cachimbo e bebendo cerveja, por entre uma leve névoa ideal de fumo e alcool, mentalmente produzem philosophias...

Como essas raças finas e louras a que nada marêa a pureza clara da carne civilizada, a idéa da Arte surge-me, alvoresce-me no espirito, diante das ondas, sideral, immaculada, como uma doce monja vestida de linho branco e virgem.

Estranhos, mysteriosos, na magia dos feiticeiros chaldéos, com o pensamento crystalizado na Fórma, sinto que me ferem o cerebro, pesando fundo sobre elle, os nevropathas de agudeza psychica, mórbida, doentia, os psychologos tenebrosos que, como Huysmans, vibram n'um ele-

ctrismo hysterico, n'uma dansa macabra, satanica, n'um *delirium tremens* de sensações.

Nymphomaniacos mentaes, como que sob a impressão de um somno de morphina ou de opio, n'uma allucinação ou fascinação de hypnotizados, a alma d'elles fluctúa, desce sombriamente lá a baixo, ao antro negro da Terra, ou sobe lá acima, á infinita mudez do céo, como que em busca, sinistros e luminosos, revoltados Moysés de uma Bíblia nova, em busca de saber qual a doença que dá a Morte...

Sente-se-lhes isso na tortura da prosa, no funambulesco cabriolar do estylo, na acre violencia das palavras, abertas umas em chagas e escorrendo sangue, outras brancas como Noivas amadas derramando lagrimas astraes...

E, d'entre esse exhalar de vida espiritual dolorosa, rompem córos de cathedraes entoados por veladas, mysticas vo-

zes freiraticas ; ouvem-se Missas negras e abrem-se, n'um ritual christão, para a contemplação dos augures e dos symbolos, os mediévos Agiologios.

---





## No phaeton

Na manhã fria, fresca de Maio, por uma rua areada, um nobre esplendor de mulher illuminou-me e surprehendeu-me os olhos.

Numa elegancia de pellucias claras, o seu perfil delicado, um *biscuit* d'arte, surgia em flôr no phaeton, alta a estatura, sobre as molles almofadas, a cabeça serena, com a graça educada de amazona *espiègle*.

Nos amplos largos de aspecto arejado de *gare*, sob o espaço vibrante, sonôro como uma grande cupula de crystal, o phaeton gyrava, de manso, na doce flexão das rodas leves, como se gyrasse sobre macias relvas de velludo.

Os cavallos normandos, lustrozos no setim do pello, davam a correcção, o tom das carruagens de móllas flexiveis, suaves, das envernizadas caleches aristocraticas do luxo, cujos claros e polidos metaes dos eixos scintillam.

Com uma *linha* fidalga ella manobrava as rédeas, n'uns volteios audazes e galantes, a mão fremente, agitada, convulsa pelo ferir matinal do frio no sangue novo de gazella, com a orgulhosa attitude das *ecuyères*.

Algumas attenções paravam diante desse feminil deslumbramento desabrochado ao sol em aromas e formosura.

No ar nitido, azul, fino do dia, d'uma limpidez deliciosa, o seu esbélto porte nervoso vinha erecto, n'um alto relevo destacando forte no fundo luminoso transparente da manhã, como que cortado, talhado n'uma lamina de vidro.

---



## Ritos

A' luz lyrial da Lua abre a tu'alma,  
artista, como um solar antigo.

Sob a névoa luminosa do grande astro  
noctambulo, as visões que um dia amaste  
apparecerão agora.

Ah! a tu'alma é um antigo solar, onde  
mulheres prodigiosas, enfloradas de bel-  
leza, pelles finas, transparentes, de de-  
licadezas de porcellana, passaram.

És um solar antigo...

Tens o ar ennevoado do crepusculo  
de melancolia que ha nos velhos solares.

Alguma cousa de nostalgico, de evo-  
cativo, como vagos sons plangentes, á  
noite, ou á hora do *Angelus*, na solidão  
dos campos, levanta e acorda a tu'alma.

Teu coração é o Sagrado Viatico, mais puro e branco que as claras hostias.

De que fundo de civilização, de que ramo de raça, de que regiões vieste assim, n'uma original sensação de nervos, palpitante, convulso como o mar e como o mar sereno e também como o mar profundo e grande?!

Pelas tuas idéas, pelos teus olhos fatigados de ver e perceber de perto o incoercível mundo, passam as alegrias, as lagrimas, o intenso viver de muitas gerações.

E tú representas bem todas ellas, és a essencia espiritual de infinitas camadas humanas, o luminoso requinte dessas gerações que findaram e que não foram mais do que simples moleculas para formar o teu estranho, poderoso organismo de artista.

Soffreram, gozaram e pensaram—para que tu sobre ellas fizesses nascer, surgir o mundo virgem das tuas impressões e idéas.

E é por isso, artista, que abres a tu'alma, como um solar antigo, á luz lyrial da Lua—apaixonada sultana que vaga á noite, que vigia e vela pelas Religiões incomparaveis do Pensamento, seguida do fulgurante cortejo das estrellas odaliscas...





## Mulheres

Magnolias de arôma tépido, finos astros, que ellas sejam, olhos fascinantes, como aguas dormentes de delicioso Danubio que a luz sonoriza e doura, humildes e imperiosas, ninguem jámais saberá o mysterio que as envólve...

Amar e gosar as nebulosas mulheres, mergulhar, engolphar a alma infinitamente, ineffavelmente, em repouso, como n'um harmonioso luar, sem sobresaltos e anciedades, na alma ennevoada que ellas occultam sempre, só é dado ás naturezas vulgares, que amam com a carne, que amam com o sangue apenas, no impeto brutal de todos os instinctos, com

a luxuria viva da carne, que fazia, desde os romanos, a carne viçosa e rica.

Os que as amam e gósam sensualmente, á lei da sexualidade, não lhes ouvem a vaporosa musica embriagante do vinho dos encantos da voz e do sorriso; não lhes sentem o perfume delicado de humidas boccas purpureas, de niveos cóllos côr de camélia, de velludosos seios macios como a alva plumagem fresca de um passaro real; não lhes percebem o amoroso anciar de etherea scintillação d'estrella nos olhos indagadôres, que atravéssam, costumam passar em visão, pesados de luz, com o brilho accêso e fagulhante de preciosas e raras pedrarias, as geladas noites brumosas do Ciume...

Para esses, que só as possuem sexualmente, ellas trazem um deleite, um attractivo, como no Oriente o fumo, que dá prazeres insubstituiveis, voluptuosas graças de viver, atila e accende a imagina-

ção, faz abrir e flammejar, incomparavelmente, para todos os pontos do mundo, os mais inauditos sóes do Espirito...

Esses, ainda outros ou todos, poderão de certo inundar-se no esplendor da beleza das mulheres, fruir d'ellas toda a fremente caricia, possuil-as, dominal-as sem hesitações e embaraços estranhos.

Para todos ellas não terão sombrias torcicolosidades de serpente, anceios, anhélos indeciffraveis, enigmas tremendos, que nos deixam deslumbrados, exacticos, na mais intrincada rêde de perplexidades.

Ellas serão para todos o eterno feminino, leve, simples, facil na conquista, facil na victoria, tendo para os homens os arrastamentos promptos de um animal que se abandona á lubricidade.

Ninguem saberá ver nas mulheres esse complicado segrêdo de nêrvos, que ora se patenteia claro e penetravel e que ora mais se condensa, se intensifica de

obscuridade, torturando, affligindo, vago, abstracto como a dôr e por isso ainda mais terrivel, mais esmagador e frio...

Só um ser, consubstanciação de todas as angustias, de todas as incertezas e dilaceramentos do espirito, um ser contemplativo, amargurado pelas analyses, ferido sempre pela observação, pelas idéas que sangram e vivem perpetuamente a martyrisal-o, para o seu goso excentrico e unico, só esse ser as comprehenderá, mudo e solemne, encerrado na solidão dos seus pensamentos, como um missionario, alheio ás exterioridades dos corpos d'ellas, ás linhas, ou só as amando por sentimento esthetico e analysando continuamente, sondando, perscrutando o feminino organismo dubio.

Só a psychologia desse ser, que é o artista, saberá ver fundo o delicado ser das mulheres e penetrar nas subtilizas, nas direcções variadissimas e multiplas que toma o seu espirito, á maneira das

aves que vôam alto, sem rumo, além, indefinidas na distancia...

Esse poderá querel-as muito, adoral-as com outra chamma sagrada; mas nunca as poderá amar carnalmente, friamente com os nêrvos—porque apparecerá sempre o analysta suffocando o affecto espontaneo que não se delimita nem regulariza, o entendimento artistico, que ama a Fôrma, destruindo o factor humano que fecunda a Carne, que perpetúa a Especie.

Quanto mais ellas fôrem complexas, segredantes, mysteriosas, tanto mais a analyse se manifestará mais arguta, mais penetrante, de um modo experimental, nú, amplo; e as mulheres, afinal, ficarão diante do artista como documentos palpitantes de uma dada natureza, provas flagrantes de paixões vehementes, de desejos, de vontades, de uma infinidade de attributos e qualidades radicalizadas na alma feminina e que o pensamento

do artista investiga, conhece, põe para fóra, á toda a luz, como se expozesse, na presença do mundo, explicando a função de cada um, os milhares de globulos de sangue que circulam no organismo humano.

A dôr de tudo isso, porém, a pungitiva dôr de tudo, é que o artista não pôde, assim como todos, espontaneamente amar.

Elle ama um gólpe de luz, um olhar, a fascinação de uns cabellos quentes, a pôlpa virgem de uns seios, a graça idealisante e alada de um sorriso, o talho vermelho de uns labios frescos, o tom das elegancias fidalgas dessas Flôres escarlates das Babeis do ouro, que passam na corrente das civilizações e na febre, no delyrio dos luxos fortes.

Vendo para dentro de si, como para o fundo de um mar prodigioso, elle domina com o olhar perscrutante, inquieto, que apanha de prompto as situações, a

maravilhosa ductilidade das mulheres, vendo tambem perfeita e singularmente o que se dá dentro d'ellas, as suas inquietitudes, as suas impaciencias, os seus receios, os seus caprichos inesperados, as suas volubilidades doentes e curiosas, as suas resoluções bruscas, os seus impetos de leôa, os seus enternecimentos ingenuos e monocórdes, os seus momentos horriveis de crise hyper-hysterica, sem causa determinada, sem assignalamentos de origem, mas assoberbantes, convulsos e que de repente cêssam como viéram, para tornarem ainda, mais desabridos e persistentes.

As mulheres, para o artista, para a esthesia exigente, requintada, são apenas um elemento de suggestão esthetica amoldavel ás necessidades artisticas do suggestionado. Ellas fallam, abrem-se mesmo ao amor em rosas fecundas de sinceridade, dizem os ardores apaixonados, as reconditas sensações, a vida intima do seu

affecto; mas o artista as ouvirá, como artista que é, a frio, simulando interesse, formando já, mentalmente, com as palavras d'ellas, com essa confissão franca, pura e sentida, embóra, verdadeiras paginas de emoção e estylo.

E, no emtanto, elle as quererá amar muito, eternamente e sem reservas, abrir-lhes os braços ao amor, com todas as forças másculas, vigorosas e livres de homem, com a firmeza mais casta dos carinhos e das ternuras, estremecendo-as, idolatrando-as.

Mas, um ligeiro contacto apenas, um leve roçar de labios, um abraço desfallecido, murcho, algumas phrases balbuciadas materialmente, ao acaso — e ahi estará de novo o mentalisado, o espirital, descendo a investigações, medindo cada gesto e cada olhar, inquieto, afflicto com a expressão de um tóque de luz n'uma trança de cabellos, que elle quér levar para a sua Obra ou preocupado com o fino

Sèvres que fulgurou uma noite em certo *boudoir*, faiscando scentelhas d'astro.

Comtudo, quando esse luminoso torturado as vê descendo ou subindo os átrios claros de palacios festivos, altas Walkirias de neve nãs pômpas orgulhosas das sêdas que roçagam, como que fica prêso, magnetisado por aquelles arômas fluidos, vivendo na auréola magestosa do clarão que ellas de si desprendem ; e então como que na cauda constellada e rojante os fulgôres sedósos lévam aspirações, sonhos que ficam errantes e que quereriam talvez subir ou descer, opulentamente, com as deusas resplandescentes, os mesmos festivos palacios de átrios claros.

Entretanto, não é ahí o amor o sentimento que se manifesta ainda na alma artistica, não é uma expansão affectiva — mas uma verdadeira expressão d'arte, um desejo de pósse, que logo invade as naturezas dominadôras, altivas, onde as idéas predominam, actuando, fataes e in-

tensas, nos phenomenos da Vida os mais elementares ainda.

O que excita o artista, seja nos átrios claros de palacios ou em toda a parte, é simplesmente a Fórma, é toda essa roupagem deslumbrante que faz as mulheres parecerem auroras boreaes; o que lhe incita a pensar n'ellas, a desejal-as, é a plastica olympica, o omnipotente esplendor das curvas cinzeladas, os marmores corinthios, o alabastro dos corpos flóreos. O que o surprehende, deixa attrahido e fascinado é o luar gelado da carne alva das louras, que delicias, o ardente sol tropical da carne tentadôra das morenas, que cheiram a sandalo e matam.

Amar as mulheres, profundamente, com simplicidade, com singeleza, sem cuidados latentes de observal-as á toda hora, com os minimos detalhes, linha por linha, traço por traço, sem essa preocupação doente que as exigencias do Pensamento provócam, não é para a concentracção, para

a contensão nervosa dos phalangiarios da Arte, que, de todas as cousas, querem arrancar o germen que necessitam, o póllen que lhes é mister para a fecundação da sua Obra.

A linguagem feminina, algumas flori-turas de phrases passageiras constituem, de certo modo, um tecido primoroso, os fios delicadissimos com que a Arte contextura, urde a tecelagem da Fórma.

Mas o desolado psychologista do Pen-samento não as póde amar com intensi-dade e desprendimentos espirituaes, sem as querer observar sempre, desatavial-as das plumagens garridas e vêr-lhes, á luz, o que ellas sentem e pensam de nebu-losos...

Por isso é que muito naturalmente, por intuição propria, ellas percebem que não poderão jamais amar os artistas, tendo até para elles uma repulsão como que instin-tiva e sendo mesmo indifferentes ás suas solicitações mais vehementes e calorosas.

Vendo-se a cada instante o objecto das interpretações d'elles, revelladas atravez dos seus pensamentos tão recatados como os seus seios, os pudôres dos seus corpos angélicos, em tantas paginas dilacerantes e impiedosas, as mulheres não buscam systematicamente os artistas para amar, feridas nos seus orgulhos melindrosos, nas suas vaidades excessivas e principescas, nas suas finas susceptibilidades de formosos seres triumphantes e inacessiveis.

Só raramente, por singularidade, una ou outra mulher ama o artista, quando já acaso tambem existe n'ella qualquer corrente de *sympathia* mental, qualquer relação de *affinidade* que estabeleça entre ambos uma claridade e harmonia de sentimentos mais ou menos congeneres, equilibrados.

---



## Perspectivas

N'aquella alvejante planura de areias salitrosas, onde o mar espumeja ; n'aquella fulgurante extensão de praias brancas, indiziveis de pittoresco, felizes os olhos que se demoram, com o carinho, o affecto das cousas, a gozar as riquezas, o encanto, a imponencia immortal dos aspectos.

Nas manhãs, céos louçãos, de um leve ar azul, azotado, fresco, pacificam o porto, adóçam os horisontes, ineffavelmente.

Occasos opulentos, feéricos, imprimem ás tardes a mais sumptuosa e serená magestade.

No mar, ao largo, entram e sahem na-

vios de alto bordo, n'uma infinita belleza de excentricas fórmias requintadas, em caprichosos estylos diversos, mastreações apparatusas, parecendo enormesapparelhos estranhos para maravilhosamente arrancarem do fundo das ondas o mysterioso deus das algas, da lenda secular e virgem dos hirsutos tritões verdes.

Marinheiros terrósos e fuscos, como que sujos a betume; outros louros, flamejantes do sol, do ouro cantante da pelle, dão á paizagem sã, revigoradôra e larga, tons alacres e acres.

Das vagas, como exóticos monstros marinhos, as rubras e arredondadas cabeças das bóias, aqui e além, emérgem.

Os mastros avultam, enchem prodigiosamente o mar supremo, sob a flava scintillação do dia; e, assim firmes, apurados ao alto, ao firmamento, parecem tochas immensas para a celebração do *Te-Deum* sideral dos astros, nos templos pagãos dos navios.

A noite, peregrinadoras estrellas, em claras chammas sagradas, nos espaços ardem.

Uma lua virginal, aureolada de branco, irrompe, fria e magoada, com um ar antigo e desolante de hysterismo atormentado, como as freiras que envelhecem nos cláustros.

Hálitos, vivos estremecimentos electricos, passam, perpassam no dorso glauco das ondas que o luar então alastra...

Mas, o que mais enternecidamente enléva e perturba até ás lagrimas, n'um sentimento intenso, de recondita vibração, é um simples lenço, um adeus febril, vertiginoso, em ancia, que alli fica ás vezes a palpitar ao sol, infinitamente, na emoção de uma alma, para a véla que vae já além confusa na distancia, desapparecendo, perdida nos longes esfuminhados, infinitamente, infinitamente...

---





## Campagnarde

O dia abriu n'uma explosão d'oiro, d'um oiro inflammado de fôrja, trespallando perfumes, cheirando acremente á terra.

Tu, gárrula vivandeira dos prados, que ao primeiro rumôr sonóro do teu coração amoroso, como ao alegre rufo bizarro d'um tambôr de guerra ou á esfuante vibração matinal de uma trompa de caça, toda estremeces e frêmes, vóltas agora purpura dos campos onde te fecundaste, desabrochaste e floriste logo em papoula.

E voltas mais pubere, mais virtual, mais mulher, porque sorveste o leite vir-

ginal e sadio aos abundantes seios da Natureza.

Quando para lá foste, o teu corpo frágil, tenue, traspassado do azulado enraizamento arterial das veias, era quasi diaphano, transparente, vitrescível quasi, atravez do qual bem facilmente a aurora coaria os seus flavos raios rutilos, como atravez d'um delicado e aromatico filó finissimo, côr de rosa e translucido.

Além disso, quando para lá foste, eras infantil ainda, ainda a ave implume, e entrarias d'ahi por diante, como por uma zona de sol, nesse luxurioso periodo genesiaco da mulher, quando as suas fórmas se ampliam, se completam e perdem essa volatilidade aerea, o borboletismo, essa tonalidade vaporosa da primitiva graça, para irem aos poucos adquirindo opulencias, exuberante vigor germinativo no sangue que as alimenta, enlabaréda e fecunda, arredonda e turgés-

ce triumphaes e allucinantes no collo as duas polposas saliencias carnudas, das quaes, em busca da instinctiva subsistencia, pende, mais tarde, como astros no firmamento, o encanto virgem dos filhos.

Mas, agora que de lá chegas, vens florescente como a vinha verde, d'um sabor de uva branca, inundada do palpitante póllen dourado da anthera dos vegetaes, das emanações revigorativas da planturosa payzagem. Trazes a carne amadurecida, sazoadada, em fructo, exhalando essencias de campos, subtilissimos effluvios de vergeis, alastrada de brilhos quentes, de electricas faiscas narcotisantes, como se o teu immaculado torso inteiriço irrompesse, brôtasse do noivado da Natureza no mesmo vehemente e original impulso das arvores e rios.

Perfeito, soberbamente rico e raro, Campagnarde! esse humor campestre, esse alagamento e deslumbramento de

luz com que regressas da Vida, do seio livre da grande amplidão da saúde, onde tudo, afinal, são concentradas forças, pujanças novas para o sangue, renascimento para a carne.

Ninguém, por certo, calcula, a ninguém suggere, por certo, a alta realidade do quanto é salutar e é nobre o supremo bem que lá se gosa nos campos e como ao corpo abalado pelos inevitáveis golpes da materia fallível, resiste o espirito, o fluido nervoso, dando á existencia o equilibrio sereno.

Nenhum pincel colorista, nenhuma entranhada emoção ou visão impressionista d'arte, nenhuma perceptibilidade acustica de musico, poderá bem com exactidão apanhar a côr, o sentimento, a errante, dispêrsa harmonia que se ètherifica na liberdade dos campos e que assim te penetrou pelo coração e pelos olhos, primorosamente enflorescendo e viçando no teu corpo de garça, lyrial e formoso.

Abres a velludosa e cerejada bocca e os teus esmaltados dentes rutilam — lisos e claros — enrijados nos ares puros, nas frescas aguas correntes, nos fructos castos e doces. Fallas, e a tua voz, em musicas, desfólha notas da canção feliz da tu'alma ; e a tua voz pelo espaço vôa, vôa, vôa de écho em écho, infinitamente, ineffavelmente, parecendo então reproduzir o teu proprio nome, Campagnarde! Campagnarde! e eternamente dobral-o, arremessal-o ao longe, por collinas e valles derramal-o, Campagnarde! Campagnarde!

---





## Rhythmos da Noite...

Lá fóra a noite é estrellada e quente.

Chego da rua. A vida ferve ainda nos cafés, com intensidade. No Londres, uns imbecis doirados de popularidade facil, saudaram-me, e, nessa saudação, senti o ar episcopal das protecções baratas que os conselheiros costumam dar aos jovens esperançosos.

Eu percebi o conselheirismo e tive uma careta, uma *grimace* diabolica de ironia...

Oh! oh! infinitamente incomparaveis os carissimos imbecis doirados de popularidade facil!...

---

No meu quarto, entro, enfim, agitado, da rua, com mil idéas, com mil impressões e duvidas e fundamente considéro, tenho tão estranhos monologos mentaes, que quasi que me allucinam.

A luz da vella, em torno á sombra do quarto, põe uma claridade velada, penumbrada, quasi morta.

Um retrato de Daudet, pendurado á parede, parece ter para mim uma piedade no seu fino perfil de Christo allemão.

Ah! porque será que na hora dos estrangulamentos supremos, quando a Dôr nos alancêa e torna velhos, os objectos têm todos, para nós, uma feição singularmente diversa da que têm sempre — ou sinistra, ou aggressiva, ou piedosa?

Porque será que nas longas noites de desolação, quando uma ventania de desesperos sópra por trompas de bronze no nosso peito, todas as cousas desfallem aos nossos olhos, as perspectivas

se annullam, os astros loiros se apagam e a propria luz de uma lamparina ou de uma vella projecta claridade dubia; que antes punge, que antes apunhala e dóe do que illumina!?

O coração cerra-se-nos de uma névoa triste, e, como um solitario monge, põe-se a balbuciar, não sei para que mundos distantes, orações indefinidas, *kiries* eternos e nostalgicos, de um nebuloso sentimentalismo, que estão no fundo de todos os seres espirituaes.

São fluidos intimos, virginaes, da alma, que sobem para o desconhecido; são incensos ineffaveis de que está cheio o thuribulo do nosso amor e que, nos lancinantes momentos em que se desmoro-na para nós alguma força nobre, alguma força edificante, partem candidamente para as regiões do Ideal, paiz jámais descoberto e que só o Pensamento logrou conhecer...

Vão lá saber qual é a técla sombria

que vibra no nosso organismo em certas horas, qual é a corda que pulsa, quaes os nervos que se agitam!

Por uma impressionabilidade indizível, por um *toque* no orgulho, por uma mancha no setim branco da Arte, lá fica uma nobre cabeça doente, sob a febre das nevroses, sentindo eboluir o sangue em chamma e sentindo até que o chronometro regular do pulso alterou a marcha das vibrações...

Tudo o que nos vem ás idéas são principios de demolição, de destruição, armados das rijas couraças e das agudas lanças da sua inevitabilidade.

O mundo surge-nos logo como uma formidavel floresta dos tempos primitivos e só tremendos animaes de uma colossal corpulencia urram e bufam sanguinolentos.

E a Noite, que véрте fél no espirito, arrebatando-o não sei para que inferno de agitações, não sei para que tercetos

do Dante, ainda mais pesadas barras de chumbo arrója sobre o florido arbusto da Crença, cujas flores luminosas já a indiferença humana calçou a pés ou a ruidosa, jogralesca multidão dos cafés desdenhosamente cuspio em cima.

E, nessas batalhas, batalhas vivas, acres, onde o coração está eternamente a sangrar, a sangrar; nesses rudes combates, ao mesmo tempo tão puros e fidalgos, a carne é o menos que fica ferido, os musculos são o menos que se perde, os nervos o menos que se atrophia.

O que se perde de todo é a alta penetração da Vida, do Mundo e dos Homens, para terrivelmente se adquirir uma doença amarga, aguda e dilacerante, que se constitue das frias e tortuosas analyses e que se chama — Psychologia.

---





## Suggestão

Tu, quem quér que sejas, obscuro para muitos, embora, tens um grande espirito suggestivo.

Os jornaes andam cantando a tua verve flammante, pertences a uma seita de principios transcendentaes.

Na tua terra os cretinos gritam, vo-ciféram.

Não sabem o que tu escribes. Não entendem aquillo... Palavras, palavras, dizem.

Tu tens, porém, uma tal orientação, uma tão profunda firmeza artistica, que não te abalas com a vozeria que se levanta. Pelo contrario! Á bateria de

phrases rispidas, que te asséstan, rompe do teu cerebro a bateria viva das idéas. Não recuas, escreves.

Tudo quanto a imaginação póde crear de imprevisto, original, surprehendente, vaes arrancar á nevrose da composição, encrustar, como pedrarias, na escripta cinzelada, cujo estylo apuras e aprimóras com verdadeiro extase de uma devotada seita religiosa. E, apesar das phrases que te dirigem, cercam-te apotheoses. E isso, comquanto simules o contrario, sempre te desvanéce.

Então, para que o teu esplendor seja maior e mais completo, andas a preparar um livro de estylo nobre e que, segundo pensas nas horas de nervosismo psychico, ha de fazer succumbir no lodo da banalidade a turba triumphante dos imbecis.

E assim, com a tua elevação mental e disciplina, julgas-te profundamente feliz. Não trocarias o teu espirito pela osten-

tação e pompas do mundo. Ah! se tu tens a pompa das idéas!

O cocheiro mais agalado e galante, guiando o mais elegante coupé tirado por eguas de raça, de amplas ancas carnudas e luzidias, cheias de nervosidades, de altivezes bourbonicas, com um fino sentimento mulheril nas linhas, tudo isso, Artista, não vale a pagina mais simples, mais frouxa, sem mesmo maior ornamentação de estylo, que tu, por accaso, escrevas.

Nem tu trocarias todo o veio virgem do ouro do mundo pelo livro que d'ahi a mezes deve entrar para o prélo.

Os reclamos sôam pelos jornaes, como clarins. Andam já longe. Caminham. Chega já ao dominio de todos a noticia. Ha anciedade. Espera-se a obra. Vae apparecer, brevemente, scintillando, a duas côres, em typos Elzevires, vistosos e claros, com o teu retrato, papel *satin*, nas lustrosas vitrinas, accendendo um

clarão em torno do teu nome, como um facho de fama.

Mas, um dia, vaes ao theatro, um acaso, por exemplo. Sentas-te na tua poltrona junto á orchestra. N'um intervallo súas demasiadamente. Estás abafado do calor da noite tórrida. Precisas de ar, de refrigerantes. Um sorvete, um gelado.

E, seguro do teu vigor de mocidade, da tua saude e do radiante rubor do teu rosto, que é admirado na rumorosa cidade onde habitas, tomas, sem o menor receio, o gelado que te trazem.

D'ahi sentes-te logo como que atordado.

Não estás bem. Calafrios agudos per-córrem-te a espinha. Vertigens cálidas figsam-te a cabeça. Ardem-te os olhos e se humedecem sob a luz flagrante e crúa da ribalta; mesmo o gaz te dá mais febre; parece que te estalam as fontes, latejando fortemente, — e tu não podes

mais ficar, nem um instante sequer, na vasta sala illuminada e cheia da multidão matizada que formiga e applaude.

Então, um dos teus amigos te conduz á casa, já abatido e quasi sem voz; e, mais tarde, passados dias, corre a dolorosa noticia, — ó amargurado Espirito moderno! — de que morreste de uma pneumonia aguda...

E apoz a tua morte ainda se haveria de contestar o teu merecimento. Muitos diriam:

— Tambem não deixou um livro que significasse a sua individualidade.

A que outros responderiam:

— Mas deixou escriptos em jornaes.

— Ora, jornaes! jornaes são papeis avulsos, vivem o curto espaço de um minuto ou de um segundo, e, muitas vezes, até sem os lêmros, com os mais resplandescentes pensamentos contidos em suas columnas, os deitamos pela janella fóra... Um livro synthetisa qualquer in-

dividualidade. Não se póde acreditar, portanto, não ha documentos que attéstem, criticamente, o valor intellectual d'esse escriptor que morreu.

D'ahi então, só no preciso decurso de tempo para o teu cadaver apodrecer na soberana indiferença da terra, apparece o teu livro, aquelle mesmo onde tanto trabalhaste, que fecundaste de idéas, onde tanto derramaste o vivo poder do teu cerebro, onde consumiste uma porção de sangue e de nervos, assignado, e com outro titulo, por uma vulgaridade bathrachia, na qual toda a gente acredita, e, oh! comparando-a contigo, acha-a mais superior, extraordinaria, sem egual até.

E tu, lá embaixo, ficarás, na frialdade da terra, sem nunca teres vencido! com a ironia d'essa gloria de néscio a rir de ti, perpetuamente, á chuva, aos vendavaes e ao sol, do alto da tua cova!

---



## Sophia

Foi na sala branca, de leves listrões d'ouro, que eu a vi interpretar um dia ao piano Mendelsohn, Schumann, as fugas de Bach, as symphonias de Beethoven.

Tinha um nome biblico, lembrando palmeiras e cisternas: chamava-se Sophia.

Era alta, de uma brancura de hostia, como certas aves esguias que os aviarios conservam e que ahi vivem n'um grande ar dolente de nostalgia de sélvas, de mattas cerradas, de sombrios bosques.

Nervosa, de um desdem fidalgo de fria flôr dos gelos polares, e triste, trahia a Arte aquelle altivo aspecto, a orgulhosa

cabeça erecta em frente das partituras, que os seus olhos garços liam e que os seus dedos rosados e aristocraticos executavam com perfeição, com claro entendimento nas téclas.

E de todo esse nobre ser delicado, de todo esse perfil de imagem de jaspe, irradiava uma harmonia vaga, melancolica, uma auréola de pungitiva amargura, mais desolada que as symphonias de Beethoven, como se todas aquellas musicas excélsas tivessem sido inspiradas n'ella.

---

O' aromas, subtilissimas essencias dos finos frascos facetados do luxuoso boudoir d'essa musical Magnolia; aromas vaporosos, maravilhosos perfumes que incensaes, á noite, de voluptia, a sua alcova, como as purpurinas boccas das rosas, fallai a linguagem alada que as vozes humanas não pôdem fallar e dizei os murmúrios estranhos dos sentimentos

imperceptíveis, immaculados, que alvoroçam a alma anciosa d'essa sonhadora Sophia.

Só os aromas, só as essencias terão os effluvios castòs, os fluidos luares de expressão, o rhythmò inefavel para contar que latentes palpitações traz Ella no sangue, que chamma d'astro lhe inflamma o peito, quando vólta triste dos concertos egrégios e vae enclausurar-se na alcova, — muda, muda, talvez sob a névoa das lagrimas, na emovente concentração dos que morrem amando....

---





## Manhã d'estio

O Azul hoje amanheceu n'uma melodiosa canção, d'uma consoladora carícia velludosa de arminho, d'uma doce e suavissima frescura de maçã rosada, — bruido, reluzente, como um raro bronze florentino finissimo, vivamente cheirando a violetas, a jasmins e a rosas machucadas.

Na crystalina sonoridade do concavo paramo aberto ha uma etherea musica que passa em fios subtilissimos de luz e de aroma pela sua transparencia diamantina e velada, como um liquido radioso e fragrante atravez d'uma primorosa saphyra.

E o canto de um passaro, que além

atravessa o céu, é mais brando, é mais terno, então, mais harmonioso e sereno, prende, emociona e arrebatava mais porque vae cheio d'esta ambiente fluidez matinal, d'esta vaporosa e delicada tonalidade aérea, d'este fino sentimento amoroso do impolluto noivado dos elementos naturaes animados, d'estes, emfim, deliciosos tons alegres que dão um rico sabor á terra, uma vibração luminosa aos aspectos e um mais meigo encanto immaculado aos fructos que pendem das arvores e ás flores que colóram, dulcificam tudo com a graça, a ineffavel candidez de sorrisos.

Os arvoredos recórtam nitidamente no ar as suas ramagens intensas, cujo verde orvalhado scintilla, e as palmeiras, que mais de perto avisto, altas, sobrepujando os outros arvoredos, como a affirmação soberana do poder germinativo, aprumam-se, firmes, desdobrando no alto as suas verdejantes plumas que tremeluzem nas aflantes aragens.

Na pradaria florida os gorgeios crescem, trinados festivalmente cortam o espaço, vãos, rumores d'azas, claros e argentinos ruidos frescos de rios, chiantes carros dormentes de lavouras tomando o vermelho e risonho atalho murmuroso dos campos relvosos, entre a implorativa plangencia mugidora dos tardos bois melancolicos; movimentos agricolas de enchadas, de sachos e arados, todos os instrumentos e aparelhos ruraes, cavando, mondando, preparando a terra para as culturas, avigorando-a e adubando-a, dando-lhe a larga força nutriente aos germens para que ella opére e produza, farte infinitamente a todos de sazonadas colleitas.

E toda essa orquestração da Natureza e do trabalho, todas essas impetuosas, palpitantes correntes da Vida, enchem o ar de alvoroço, de alarido, d'uma religiosa bençã pantheista e d'um cantico enlevador que desce consolativamente sobre

as cousas — como se toda a seiva, vegetal e humana, estivesse na gestação poderosa, na fecunda elaboração de mundos virgens e novos.

Nós, Artistas, que dissipamos toda a nossa mais bella e opulenta porção de globulos rubros para arrancar á Natureza a sua latente verdade ; que nos embevecemos na contemplação, no mysticismo do céu ; que de tudo anciamos pelas reconditas, encantadas origens; que tanta vez nos mergulhamos no azedume e na inclemente marezia do tédio, achando a vida gasta, acabada, fallazes e mentidos os seus lentejoulados, fascinantes enlevos, trememos de commoção, ficamos extasiados quando essas perspectivas se nos antólham assim d'esplendor, trazendo ainda á nossa desvirilisada e já quasi decadente estructura moral um pouco de alento, heroismo e força, de sagrada virtude de pensamento e gloriosa envergadura espiritual para a luta, hauridos a plenos sorvos

nos abundantes mananciaes da luz, na soberba caudal immensa da Natureza fecunda e generosa.

Porque só a Natureza, germinalmente só ella, nos sabe dar á alma e ao corpo esta nobre saude, estas estoicas attitudes épicas ; porque só ella nos communica os seus emotivos impressionismos, nos penetra os seus evangélicos, pensativos silencios e recolhimentos alpestres, tão empyricamente transvasados do neblinoso luar dos Sonhos e tão relicariamente votados ao culto como os sanctuarios ; só é d'ella que vem a crença robusta que nos põe no peito como que afiadas laminas de espada para destruímos bizzarros as mil venenosas cabeças da formidavel serpente da Duvida ; só ella nos veste dessa flammante irradiação de aurora da qual emergimos victoriosos, no fluido ouro resplandescente da apotheose da Vida ; e só ella, emfim, nos lava do Mal, nos purifica como a salitrosa salsugem do Mar

glauco nas salutaes e matinaes travessias d'alacridade picante, quando se vólta das ondas n'uma efflorescencia pagã de Tritão marinho, no luminoso frescor primaveral e sonóro d'um viçoso ramo silvestre rufante de revoadas de colleiros e gaturamos cantando.

Um clarim, uma trompa de caça que por aqui vibrasse, como n'uma pastoral da idade média, n'esta formosa manhã perfumada, apanharia, tomaria d'estes murmurios todos, pelo phenomeno acustico da recepção e transladação dos sons, como em placas phonographicas, todos os profundos e vagos echos e os levaria então para longe — derramando-os, espalhando-os em cada placidez sedentaria de sitio, em cada remanso bonançoso de campo, fazendo renascer a brava cultura ingenita das terras, palpitar o rijo pulmão d'aço do movimento incessante, pulsar, latejar vinculativamente as arterias da fecundidade e circular em tudo o sangue

oxigenado, ardoroso e productivo que  
gêra e fortalece tudo e que não é mais  
do que o Sol electricamente entranhado  
nas mais profundas raizes de tudo.

---





## Apparição da Noite

Fria Apparição da meia-noite, o Luar  
seja contigo !

Tu vens da neve, das algidezes cruas  
da neve; e eu não sei bem se é a neve  
que te faz fria ou se és tu que fazes fria  
á neve.

Ha, comtudo, em ti, algum calôr, que  
não é inteiramente a vida, mas que sua-  
visa os apunhalantes regelos da neve ;  
que não é o sol da tua carne, a chamma  
do teu corpo, mas um quente raio d'es-  
trella, a estrella do teu olhar acceso como  
velas mysticas no recolhido e sagrado  
sanctuario de uma Capella.

O luar seja contigo, seja contigo o

luar emoliente e lascivo, este luar equatorial que não é dia nem noite, mas uma doce penumbra velada do sol do teu sorriso — como se sobre o sol do teu sorriso, para dulcificar a intensidade do fóco da sua luz, quando tu eras astro inflamado, que ardias, força latente, materia animada e pulsante, se houvesse collocado um transparente *abat-jour* verde, branco, azulado e amarellado, conforme é, ás vezes, a refracção luminosa da Lua.

Mas tu devêras apparecer-me, fria Visão da meia-noite, dentro de uma redoma de crystal, por entre um resplendor de lagrimas, para eu então poder assim crêr no teu encanto, no teu mysterio de meia noite.

No emtanto, aqui me appareces, metida em pelles de Astrakan, melancholica, pallida, vaporosa, livorescida quasi, como aquellas bellezas apagadas e tristes que vêm dos frigidis ares desolados do Norte.

Porque tu acabas de vir da Russia

agora, das fulgurantes steppes, da ostentação militar do Tzar de ferro, ouvindo os clamores da dinamite.

Vens das hirtas margens do Neva para os coruscantes fogos tropicaes das terras da America. E chegas ainda virginal e pubescente para a irradiação angélica do Véo, para o symbolismo candido da Grinalda de flores de lorangeira, para a benção serena e perfumosa do Noivado.

Chegas a tempo...

E se queres um noivo, se andas em busca de um noivo, ahi tens, pois, o Luar, frio como essa natureza fria, e alvo, lyrialmente alvo, como tu.

Ahi tens o Luar...

Envólve-te na sua clamyde de linho, mergulha-te nos seus flócos de prata, ó meiga Slava triste, meu desmaiado amor e heliotrópo branco dos sonhos, que aqui vieste findar eternamente a vida n'essa nostalgica doença nervosa de melancolia que trouxeste do teu paiz polar, muito

longe nos gêlos, e que até te dá já a névoa densa, a espessa nuvem dolorosa das illusões que se transformam em nuvens.

Vens para sempre extinguir-te sob estes tórridos mormaços, nessa doença hysterica que ninguem na tua patria pôde de certo determinar a pungentissima origem, e que não é mais, nada mais é, talvez, do que a doença do clima, do spleen das tardes, das exaustas paizagens sem seiva; as displícencias amargas á hora dos longos occosos taciturnos, quando adormecidamente as campinas e as planicies incultas névam e o horisonte é de uma trespasante angustia crepuscular que desóla...

Ahi tens o luar...

Cobre-te nessa musselina fúlgida, veste essa finissima gaze diaphana....

Abre os primorosos olhos de Madona, castissimos, chorosos e macerados, e absorve pelos cilios todo este nosso fluido

e luxuoso azul ; e fecha depois esses teus primorosos olhos tambem azues....

Sorri ainda uma vez, como n'um supremo frémito final de ave ferida no peito ; agita amorosamente, languescidamente, n'uma poeirada d'ouro, como na ultima noite de beijos da remóta paixão que se foi, a loira e divina cabeça astral, leonina e doirada ; tem um derradeiro estremecimento convulsivo e sonóro de cordas d'harpa em todo o niveo corpo ; cérra á musica celeste, eucharistica da voz para sempre os labios, e, assim, n'esse lacteo nymbo seraphico da Lua, fica em extase, na doce, na infinita chimerica mysteriosa da Morte, n'uma leve graça idealisante e alada de vôo ethereo de Cherubins, como quem está dormindo ou como um sol que empederniu e gelou...

Fria Apparição da meia-noite, o Luar seja contigo !

---





## Estesia slava

Como os embriagados de kava da Polynesia vou tartamudeando e soluçando sob as paixões, ó aguia, Aguia Germanica, imperiosa e doirada!

Uma estranha harmonia de « Dansa macabra » de Saint-Saens me entorpéce e invade em lagrimas negras de notas.

Todo o meu pensar e sentir estacou de subito agora, como um nervoso cavallo da Arabia a que se refrêa o briedão, diante da tua plumagem d'oiro, da tua rija envergadura d'aza valente, — ó aguia! doirada Aguia humana e Germanica, que tudo de mim para sempre levas, Esperanças e Sonhos, impetuosa-

mente arrebatado no alto, ao impulso fremente das tuas garras alpinas.

E eu fico em ancias no vacuo, n'um vago anhelar indefinido, como a aspiração do perfume que quer ser luz...

Mas, um pedaço de horisonte ao longe marcando as infinitas distancias e uma lingua de terra aprumada em monte, tornam-me tangivel o sentimento da realidade; e, então, claramente vejo e sinto, desilludido das Cousas, dos Homens e do Mundo, que o que eu suppunha embriagamento, arrebatamento de amôr nas tuas azas, ó loira Aguia Germanica! — nada mais foi que o somnambulismo d'um sonho á beira de rios marginados de resinosos aloendros em flôr, na dolencia da Lua nebulosa e fria, á alta paz do Azul, sob as pestanejantes estrellas rutilantemente accêsas...

---



## Tysica

Languida e loura, tinha, na verdade, um ruidoso e festivo acordar de canários.

Quando o dia vem triumphalmente cantando por todas as gargantas de oiro dos passaros, perfumado por todos os prados de rosas, rumorejando por todos os sonóros veios crystalinos de fontes, Ella erguia-se tambem do leito, cantando, n'uma alegria communicativa que illuminava tudo e ia para o piano soluçar ao teclado lindas barcarollas de walsas.

Quanta vez a ouvi, e quantas outras a vi no rês do chão que enfrentava a minha morada, sempre com um verme-

lho esmaecido, manchado, em ambas as faces.

Como era feliz, e que ruidoso e festivo accordar de canarios tinha Ella!

---

Chegou, afinal, o Inverno.

A emigração das andorinhas começa em vôos incisivos, que frizam os espaços translucidos de rufagens d'aza....

Os grandes frios pedem as grandes capas de lã para as mulheres, os confortáveis regalos de pelucia, as luvas, que agazalham, que protegem as mãos, os *par-dessus* e os largos fichús para a cabeça.

Desprendem-se já do éther as fortes lestadas de vento e chuva, destruidoras e rijas, arripiando e convulsivamente contorcendo os galhos das arvores, que amarellécem.

Amanhece-se tiritando sob o fulgurante ar frigido das geadas, que névam os placidos campos.

E, lá, á cima das serras altas, nas desprotegidas cabanas onde a miseria habita, tiritam tambem de frio e desamparadamente morrem, com uma chamma azul no olhar vitreo, as louras e morenas virgens tysicas que na estação passada levaram a trabalhar nos rudes amanhos da lavoura e a mourejar nas longas vigílias amargurosas da agulha.

---

A tysica! A tysica! Essa doença symbolicamente dolorosa e triste, que devasta os lares como os cortantes invernos devastam as seáras! Doença artistica e desolada, que dá um aspecto eminentemente romantico a todas as mulheres, como áquella violeta de Parma, flôrdolente e venenosa do Amor, essa Margarida Gautier, rôxo lyrio ineffavel de melancolia plantado á margem de lagos furtacôres de chimeras, e que a mais abrasadora paixão, a febre mais intensa, o tufão ardente de um fundo e desvai-

rado sentimento para sempre emmur-  
checêo e desfolhou!

Doença amarga! que soturnamente  
devorando os pulmões, põe em redór de  
quem a soffre um magoado impressio-  
nismo de saudade e uma névoa gelada  
de sepulchro...

E as virgens que morrem dessa doença  
tão atormentadora e serena ao mesmo  
tempo, levam para o tumulo, na crista-  
ção dos labios entreabertos e violaceos,  
como derradeira e a mais pungente iro-  
nia da Dôr, o desmaiado sorriso da ul-  
tima esperança, do ultimo sonho, da ul-  
tima illusão que tiveram sobre a Terra.

---

Ha muitos dias já que não a vejo, a  
languida Loura.

Não sei porque, mas a sua ausencia in-  
quiéta-me.

Eu quizera sempre vel-a, como d'an-  
tes, pallida, languida e loura, com um

vermelho esmaecido, manchado, em ambas as faces.

Porém ella não apparece, não vae, como então, sentar-se ao piano, no luminoso purpurear das manhãs, fazendo soluçar no teclado lindas barcarolas de walsas. E isso punge-me n'alma de tal modo que eu procuro saber o que é feito della e dizem-me que adoeceu.

— Adoeceu! E de que?

— Está tysica. O medico diz que não durará muito.

— Tysica! Tão moça e tão bella! E que ar festivo tinha ella. Como cantava! Que sonoridade de voz! E tudo isso agora acabar, morrer...

—

E' certo, afflictivamente certo o que me disseram. Ella vae morrer!

Vejo-a continuamente de uma pallidez chlorotica, os olhos de um brilho crú, agudo, que faz febre; as orelhas diaphanas, muito despegadas do craneo; o na-

riz cada vez mais afilado e desfallecido; toda ella de uma amarellada transparencia de morte, d'uma magresa hirta, como essas santas martyres do cilicio que vivem nos claustros fechados e austeros de pedra, olhando entrê grades para céus fuscos, com olhos cheios dos fluidos mysticos do Pantheismo, e que parecem subir, através de nimbos, além, ás empyreas regiões dos excélsos archanjos alvos de luz...

Vejo-a, constantemente, através de vidraças, sem brilho de vida quasi, como um astro vespéral prestes a apagar para sempre todo o seu clarão diamantino e virgem.

E, no entanto, nos intervallos lucidos da doença, que lhe abrem no peito, ás Esperanças, como um esplendor de força nova, de vigorosa saúde, o piano vibra de quando em quando, sob as suas mãos febris, tremulas, nervosas e cada-vericas, alguma melodia triste de casua-

rinas gementes, um desvairamento hysterico de lagrimas, a fina musica nostalgica do fim de tudo — talvez essa suspirante serenata de Schubert, cujo rhythmõ saudoso tão fundamente nos invade a alma e a entristece e no qual parece haver gritos e soluços de amor entrecortados pela agonia torturante da Morte...

---





## Oração ao Mar

O' Mar! Estranho Leviathan verde!  
Formidavel passaro selvagem, que lévas  
nas tuas azas immensas, atravez do  
mundo, turbilhões de pérolas e turbi-  
lhões de musicas!

Orgão maravilhoso de todos os nos-  
talgismos, de todas as plangencias e  
dolencias...

Mar! Mar azul! Mar de ouro! Mar  
glacial!

Mar das luas tragicas e das luas se-  
renas, meigas, como castas adolescentes!  
Mar dos sóes purpuraes, sangrentos,  
dos nababescos occasos rubros! No teu  
seio virgem, de onde derivam as cor-

rentes crystalinas da Originalidade, de onde procedem os rios largos e claros do suprêmo vigôr, eu quero guardar, vivos, palpitantes, estes Pensamentos, || como tu guardas os coraes e as algas.

Nessa frescura iodada, nesse acre e ácido salitre vivificante, Elles se perpetuarão, sem mácula, á saude das tuas aguas mucilaginosas onde géram-se prodigios como de uma luz immortal fecundadôra.

Nos mysterios verdes das tuas ondas, d'entre os profundos e amargos Psalmos lutheranos que ellas cantam eternamente, estes Pensamentos acérbos viverão para sempre, á augusta solemnidade dos astros resplandescentes e mudos.

Rógo-te, ó Mar sumptuoso e supremo ! para que conserves no intimo da tu'alma heroica e atheniense toda esta dolorosa Via-Lactea de sensações e idéas, estas emoções e fórmas evangélicas, religiosas, estas rosas exóticas, de

arômas tristes, colhidas com enternecido affecto nas infinitas aléas do Ideal, para perfumar e florir, n'um Abril e Maio perpetuos, as aras immaculadas da Arte.

Em nenhuma outra região, Mar triumphal! ficarão estes Pensamentos melhor guardados do que no fundo das tuas vagas, cheias de primorosas reliquias de corações gelados, de noivas pulchras, angélicas, mortas no derradeiro espasmo frio das paixões enervantes...

Lá, nessas ignotas e argentadas areias, estas paginas se eternisarão, sempre puras, sempre branças, sempre inacessiveis a mãos brutaes e polluidas, que as manchem, a olhos sem entendimento, indifferentes e desdenhosos, que as vejam, a espiritos sem harmonia e claridade, que as lêam...

Pelas tuas alegrias radiantes e garças; pelas alacridades salgadas, picantes, primaveris e electricas que os matinaes esplendores derramam, alastram sobre o teu dôrso, em pompas; pelas convulsas

e mephistophélicas orchestrações das  
barrascas ; pelo epileptico chicotear, pelas  
vergastantes nevroses dos ventos col-  
lossaes que te revólvem ; pelas nostal-  
gicâs symphonias que violinam e chóram  
nas harpas da cordoalha dos Navios, ó  
Mar! guarda nos reconditos Sacrarios  
d'esmeralda as Idéas que este Missal  
encérrea, dá-o, pelas noites, a ler ás me-  
ditadôras Estrellas, á emoção dos An-  
gelus espiritualizados e, magestosamente,  
envólve-o, deixa que Elle repouse, calmo,  
sereno, por entre as raras purpuras  
olympicas dos teus occasos...

---

pg 141  
103

---

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, OUVIDOR 31

---







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).